

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

FREDERICO REICHERT MACHADO NETO

SÂMEA SANTOS DE SÁ

VIDA ÚTIL

um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis

UFRJ/CFCH/ECO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

FREDERICO REICHERT MACHADO NETO

SÂMEA SANTOS DE SÁ

VIDA ÚTIL

um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis

Rio de Janeiro

2007

Frederico Reichert Machado Neto

Sâmea Santos de Sá

VIDA ÚTIL: um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis

Relatório técnico submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Salis

Rio de Janeiro

2007

M149 Machado Neto, Frederico Reichert e Sá, Sâmea Santos de.

Vida Útil – um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis (Documentário e Relatório Técnico) / Frederico R. Machado Neto e Sâmea Santos de Sá – Rio de Janeiro, 2007.

66 f.: il.

Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação – ECO, 2007. Vídeo de 32 min.

Orientador: Fernando Salis

1. Cinema. 2. Documentário. 3. Catadores de materiais recicláveis.

I. Salis, Fernando (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

CDD: 791.43

Frederico Reichert Machado Neto

VIDA ÚTIL: Um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis

Relatório técnico submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção de bacharel em comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2007

Prof. Dr. Fernando Salis, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Ilana Strozemberg, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Maurício Lissovsk, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

Sâmea Santos de Sá

VIDA ÚTIL: Um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis

Relatório técnico submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2007

Prof. Dr. Fernando Salis, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Ilana Strozemberg, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Maurício Lissovsk, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

RESUMO

MACHADO NETO, Frederico Reichert e DE SÁ, Sâmea Santos. **Vida Útil:** Um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social) Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

A intenção desse projeto é apresentar um novo olhar sobre o principal ator social no campo da reciclagem: o catador de materiais recicláveis. Para isso, aprofundou-se a discussão sobre a gestão de resíduos sólidos urbanos em diferentes áreas do saber: político, ativista, pesquisador, consumidor, jornalista e os próprios catadores do Pólo de Reciclagem Jardim Gramacho. O relatório foi elaborado pelos alunos de rádio e tv (Frederico Reichert Machado Neto) e jornalismo (Sâmea Santos de Sá) com o intuito de comparar esses diferentes pontos de vista e analisar a função sócio-ambiental da linguagem audiovisual enquanto ferramenta de comunicação multiplicadora de conhecimento e motivadora das práticas ambientais. O documentário “Vida Útil” tem ainda como objetivo se tornar um meio para estimular mudanças comportamentais e o exercício da cidadania por meio de exemplos de práticas simples e possíveis a todos os cidadãos consumidores. Esse relatório técnico contém ainda a descrição das etapas de pré-produção, produção e pós-produção do documentário.

ABSTRACT

MACHADO NETO, Frederico Reichert e DE SÁ, Sâmea Santos. **Vida Útil:** Um novo olhar sobre os catadores de materiais recicláveis. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social) Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

The intention of this project is to present a new view on the main social actor in the recycle field: the garbage collector of recycles material. Therefore we focus on the discussion about the urban solid residue management in different areas of the knowledge: politics, activist, researcher, consumer, journalist and the garbage collectors themselves of the Recycle Center Jardim Gramacho. This report was elaborate by the radio and tv (Frederico Reichert Machado Neto) and journalism (Sâmea Santos de Sá) students to propose compare different points of view and analyze the social-environment function of the audiovisual language as a multiplied communication tool of the knowledge and environment practice motivation. The documentary “Vida Útil” has also the objective of create a way to stimulate behaviour changes and citizenship praticals through simple and possible examples for any consumer citizens. This technical report also has descriptions about pre-productions, production and pos-production stages during the documentary.

SUMÁRIO

- 1 INTRODUÇÃO**
- 2 O AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO MULTIPLICADOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.**
 - 2.1 Uma abordagem sobre a questão dos resíduos sólidos urbanos**
 - 2.1.1 Sociedade de consumo e a cultura do desperdício**
 - 2.1.2 Geração crescente de resíduos, soluções de destinação e impactos**
 - 2.1.3 Soluções integradas e suas consequências**
 - 2.2 A função educativa e cidadã do documentário**
 - 2.2.1 Mudança de paradigma**
 - 2.2.2 Audiovisual como ferramenta para promover uma mobilização social**
- 3 OS MODOS DE REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE E UM NOVO OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HOMEM, LIXO E O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO.**
 - 3.1 O modo participativo e o cinema antropológico de Eduardo Coutinho**
 - 3.2 O modo reflexivo e o “falso documentário” de Jorge Furtado**
 - 3.3 O documentário Estamira de Marcos Prado e a recente produção nacional**
- 4 O PROJETO “VIDA ÚTIL”**
 - 4.1 Pré-produção**
 - 4.1.1 Pesquisa**
 - 4.1.2 Escolha e dos personagens**
 - 4.1.3 Definição da equipe e dos equipamentos**
 - 4.1.4 Divisão das tarefas e Cronograma**
 - 4.2 Produção**
 - 4.2.1 Gravação e locações**
 - 4.2.2 Transporte, acomodação e alimentação**
 - 4.2.3 Autorizações de imagem e de uso de equipamentos**
 - 4.3 Pós-produção**
 - 4.3.1 Decupagem**
 - 4.3.2 Edição**
 - 4.3.3 Finalização**
 - 4.3.4 Sonorização e mixagem**
 - 4.3.5 Orçamento real**
- 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

AGRADECIMENTOS

Frederico agradece

À todos os que ajudaram durante minha jornada universitária. À todos os professores da Escola de Comunicação da UFRJ. À Nelci Elisabeth, pela imprescindível atenção e cuidados maternos, ao meu pai e irmãos pela tocada, ainda que distante. À Sâmea de Sá, pelo companherismo e especialmente pela paciência. Aos amigos pelos apoio nos momentos difíceis e pela presença nos momentos felizes. E um agradecimento especial a todos que participaram diretamente ou indiretamente da realização do documentário.

Sâmea agradece

À Deus, pela vida e pela chance de recomeçar a cada dia; à Ana Marlene, mãe no sentido completíssimo da palavra; ao José Esteves, o paizão perfeito; à Thaisa de Sá, irmã dedicada; ao Vinícius Mota, companheiro eterno; ao Frederico Reichert, por aceitar o desafio deste projeto; à Geórgia Nepomuceno e Flávia Cohen, pela atenção, amizade e dedicação de sempre; à Consuelo Lage, pela amizade, carinho e dedicação; ao Fernando Salis, pela orientação e atenção; à Raquel Paiva, pelo carinho e conselhos; às minhas amigas e amigos de sempre, pelos momentos felizes, tristes e por estarem sempre ao meu lado quando eu mais precisei; à ECO, pela experiência única e pelas amizades eternas; à Pólita Gonçalves e ao André Trigueiro, pela orientação e aos catadores da ACAMJG, pelos sorrisos, receptividade e lição de vida.

Isso nós sabemos. Todas as coisas são conectadas como o sangue que une uma família... O que acontecer com a terra acontecerá com os filhos da terra. O Homem não teceu a teia da vida, ele é dela apenas um fio. O que ele fizer para a teia estará fazendo a si mesmo.

TED PERRY *apud* CAPRA

1 INTRODUÇÃO

A idéia de produzir um filme sobre resíduos sólidos urbanos surgiu do grande interesse pelo tema que foi motivado pelo calor das discussões atuais sobre o meio ambiente. Sempre observou-se pelas ruas catadores de lixo¹ que passavam com seus carrinhos cheios de papelão e latinhas de alumínio. A partir daí, resolveu-se pesquisar sobre o assunto e foi descoberta uma série de informações que são debatidas nos capítulos a seguir.

Uma cidade como o Rio de Janeiro, que gera aproximadamente 1,5 kg de lixo por habitante a cada dia, de acordo com dados da Companhia de Limpeza Urbana do Município do Rio de Janeiro (Comlurb), tem na disposição final dos resíduos uma problemática a resolver.

Essa questão abrange aspectos sociais, ambientais e econômicos que são esmiuçados nesse relatório. No documentário “Vida Útil”, o objetivo é focar os aspectos sociais ao mostrar os catadores de lixo da Associação de Catadores do Aterro Metropolitano Jardim Gramacho (ACAMJG) como o fio condutor da narrativa. A intenção é problematizar o tema, mostrando um novo olhar sobre o catador de lixo e sensibilizar os espectadores para o compromisso cidadão com a gestão dos resíduos que são produzidos a todo instante.

Para impulsionar o despertar desta iniciativa, o “Vida Útil” procurou utilizar ainda em alguns momentos tênues uma abordagem didática – momento em que se aproxima mais do subgênero expositivo do documentário – com o uso de personagens especialistas no tema como: a política Aspásia Camargo, o jornalista André Trigueiro, a pesquisadora Pólita Gonçalves e o ativista Eduardo Bernhardt. Esses personagens explicam o problema sob os seus pontos de vista e dão dicas simples para os espectadores que desejarem praticar uma melhor gestão dos resíduos que produzem.

O nome do documentário foi escolhido com o intuito de representar esses objetivos. “Vida Útil” é um trocadilho que faz alusão à contribuição do trabalho dos catadores, personagens do filme, para o aumento da vida útil do Aterro Sanitário de Gramacho, localizado em Duque de Caxias, município do Rio de Janeiro. O título refere-se ainda ao fato de que a vida de uma pessoa, como cidadã, pode se tornar útil tanto para as gerações futuras quanto para o meio ambiente, porque ao destinar corretamente o lixo

¹ Catador de lixo pode ser entendido, no senso comum, como a pessoa que procura materiais recicláveis (plástico, papel, alumínio, vidro e papelão, por exemplo) nos sacos de lixo domiciliares que ficam dispostos nas portas de prédios e casas, nos lixões a céu aberto e aterros sanitários.

contribui-se para o desenvolvimento sustentável e também para os catadores, ao gerar emprego e renda e cooperar assim para a inclusão social destas pessoas.

Ao optar pela realização de um documentário, o principal objetivo foi o de experimentar os desafios de produzir um filme, em todas as suas etapas, do começo ao fim. Por dispor de uma equipe reduzida, foi fundamental contar com a ajuda de amigos e professores da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO), sem os quais a realização deste projeto estaria comprometida.

Para o melhor entendimento do processo de produção e dos aspectos que permeiam os objetivos do “Vida Útil”, este relatório foi elaborado em três capítulos. No primeiro estão descritos de forma simples os principais pontos relativos ao tema gestão de resíduos sólidos urbanos, apresentando causas, conseqüências e possíveis soluções.

No segundo capítulo são expostos os modos de representação da realidade, a partir de documentários brasileiros como “Estamira” (Marcos Prado), “Boca de Lixo” (Eduardo Coutinho) e “Ilha das Flores” (Jorge Furtado), que têm a mesma temática do “Vida Útil”.

No terceiro, estão esmiuçadas as etapas da produção do “Vida Útil” com o objetivo de explicar melhor o processo de pré-produção, produção e pós-produção, apresentando cronograma, orçamento real e os desafios enfrentados para a realização deste projeto.

2 O AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO MULTIPLICADOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O documentário “Vida Útil” é norteado por dois objetivos principais. No primeiro é feita uma ambientação no tema escolhido com um convite à discussão sobre os aspectos da questão dos resíduos sólidos urbanos com sugestões de meios simples para praticar uma melhor gestão do lixo. O segundo trata do homem e sua relação com o trabalho e com o lixo, sob um ponto de vista antropológico e mostra o catador de lixo com uma nova roupagem: político, influente, ambientalista e apaixonado por sua profissão, ou seja, um exemplo de um catador que participa do ciclo virtuoso da reciclagem.

Neste capítulo se discute o primeiro dos objetivos propostos no documentário “Vida Útil”. A intenção é estabelecer um simples panorama para o melhor entendimento do tema do documentário.

2.1 UMA ABORDAGEM SOBRE A QUESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS

Para a melhor compreensão, este capítulo foi dividido em duas partes. Nesta primeira parte do capítulo, trataremos pontos como a questão da crescente produção de resíduos sólidos urbanos e seus impactos ambientais, econômicos e sociais; o atual estado dos lixões; as possíveis soluções e sugeriremos práticas simples possíveis a todos.

2.1.1 Sociedade de consumo e a cultura do desperdício

Durante a produção deste trabalho, verificamos que cerca de 40% de tudo o que consumimos é lixo². Além disto, diariamente na cidade do Rio de Janeiro, que possui cerca de 6 milhões de habitantes de acordo com uma pesquisa realizada em julho de 2005 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que é produzido 1,5 kg de lixo por pessoa, conforme dados da Comlurb. No Brasil, cuja população soma 186 milhões de habitantes segundo dados de 2006 do IBGE, a produção de lixo é de 88 milhões de toneladas ao ano, cerca de 470 kg por habitante. Quando se trata dos norte-americanos, que tem uma população de 295 milhões de habitantes, de acordo com o Gabinete do Censo, em 2005, este número quase triplica: são 212 milhões de toneladas de lixo por ano, dos quais 43 milhões de toneladas são restos de comida.

Estes números refletem o estilo de vida que levamos em uma sociedade capitalista e globalizada onde impera o paradigma consumista do *American Way of Life*³, no qual aquilo que consumimos ou deixamos de consumir, influencia na formação do nosso *status* social e determina a construção da nossa identidade. O estilo de vida americano incentiva também o chamado consumo do desperdício, no qual ao invés de consumirmos o necessário, somos incentivados pelo assédio publicitário que consegue, como num passe de mágica, transformar o supérfluo em uma necessidade de consumo. E assim, somos movidos mais pelos desejos criados do que pelas necessidades essenciais de consumo.

² Disponível em: www.lixo.com.br. Acesso em: 14 de março de 2007.

³ De acordo com a enciclopédia virtual Wikipédia, acessada em 24/09/2007, o *American Way of Life* pode ser definido como designação de um modo de vida norte-americano vigente a partir de meados do século XX, após a explosão da economia americana durante o *crack* da bolsa de 1929, com a lenta recuperação das finanças durante a década de 1930 e aumento do comércio internacional, da [globalização](#) e do [consumismo](#). O *American Way of Life* é de certo modo também considerado como uma visão pejorativa do estilo de vida norte-americano.

Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas; atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. (CANCLINI, 1996, 15).

Este estilo de consumo tem se espalhado por quase todo o mundo graças à indústria cultural norte-americana e suas publicidades veiculadas nas novas mídias produzidas no bojo da revolução tecnológica que incentivam o consumo de seus produtos, modos de pensar, vestir e agir. Neste contexto, a sociedade americana passa a ser vista como uma super-potência, um modelo de sócio-econômico ideal a ser seguido por todos.

Criou-se a ilusão de que o capitalismo norte-americano é a única receita eficaz para o desenvolvimento sócio-econômico da humanidade, principalmente entre as nações mais pobres. A expansão do processo de mundialização do capital, realizada por meio da adesão à política neoliberal e ao processo de globalização dos mercados, é a base sustentadora deste ideal.

Neste processo de expansão capitalista dos mercados, das fronteiras e das culturas, o que se verifica é que, ao contrário do que muita gente pensa, a tecnologia não tem a solução para tudo. E, muito menos será capaz de resolver o problema da escassez de recursos naturais para sustentar o atual paradigma de consumo do desperdício, que é socioeconômica e ambientalmente insustentável, pois gera concentração de renda, desigualdade social, miséria e pobreza e exploração irresponsável dos recursos ambientais esgotáveis.

Para FELDMANN (*apud* TRIGUEIRO, 2005, 145) o desenvolvimento de novas tecnologias de informação introduziu novas dimensões de espaço e tempo, radicalizando transformações na economia mundial. O otimismo da Rio-92 foi substituído pelo agravamento de problemas tais como: aumento da pobreza nos países em desenvolvimento, maior concentração de renda e desigualdade social, maior distanciamento entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Afora isso, agravou-se a crise ambiental do planeta de acordo com relatórios divulgados na África do Sul, demonstrando que estaríamos consumindo nos dias de hoje além da capacidade do planeta de se regenerar. Em outras palavras, estamos comprometendo os processos ecológicos essenciais planetários com conseqüências graves, porém não totalmente conhecidas. Até mesmo porque o conhecimento da Humanidade sobre o funcionamento destes processos é extremamente incipiente.

A revolução tecnológica atual é a plataforma que possibilita a realização do processo de globalização exatamente por contribuir para encurtar o tempo e as distâncias entre os indivíduos do planeta; criar novos e incessantes desejos imediatistas de consumo e

garantir que um produto adquirido agora, já esteja ultrapassado daqui há alguns minutos. Além disso, como a tecnologia agrega valor aos produtos, de um lado acaba contribuindo para restringir o acesso a poucos, de outro, torna-se um meio de se obter *status* social, incentivando o atual paradigma de consumo.

Em muitos aspectos, a obsolescência e a fugacidade dos produtos acabam sendo mais representativas do que a sua falta. Muito do que se produz hoje em dia submete-se aos valores do consumo incessante renovado, à surpresa e ao divertimento. E espalha-se de forma a ser possuído por poucos e imediatamente esquecido. Mesmo as decisões políticas e econômicas são tomadas em função das seduções imediatistas do consumo. (CANCLINI, 2001, 42).

A indústria do consumo demanda cada vez mais por produtos mais práticos, confortáveis e fáceis de usar. Grande prova disto foi a substituição do uso de produtos e embalagens de vidro, louça pelas de plástico e papel. E, assim, surgem produtos fugazes e customizados para cada pessoa e para cada situação. Isso gera o aumento do desperdício e, junto com ele, a quantidade de resíduos sólidos urbanos que são descartados todos os dias nos lixões e aterros sanitários das cidades.

O problema não é o consumo em si, mas o modo como se consome atualmente. A todo o momento uma necessidade antes desnecessária, torna-se imprescindível a partir do momento de sua divulgação. Nesse sentido, torna-se necessária uma revisão dos paradigmas atuais em busca de uma solução sustentável econômica, social e ambientalmente.

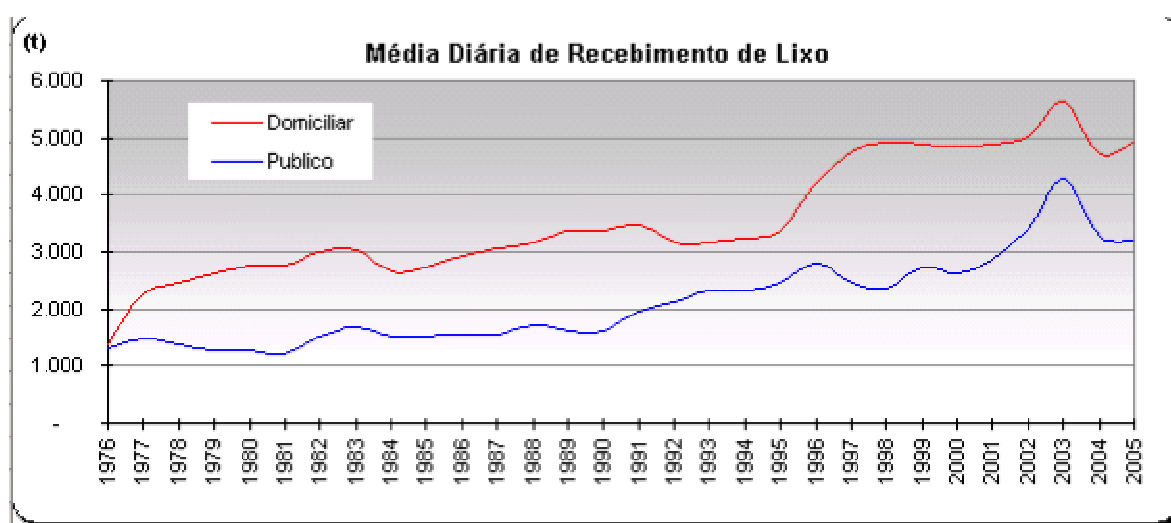
(...) O resultado da ação da Humanidade, pela primeira vez, ameaça a sua condição de sobrevivência, e ela se vê obrigada a reconhecer os seus próprios limites e a sua vulnerabilidade diante de uma realidade complexa, em relação à qual possui uma inegável interdependência. Essa situação deve ser vista como uma grande oportunidade de revisão profunda de valores, prática e questionamento da nossa imagem sobre nós mesmos (...). (FERLDRMAN *apud* TRIGUEIRO, 2006, 146).

2.1.2 Geração crescente de resíduos, soluções de destinação e impactos

Todos os dias, em tudo o que fazemos produzimos resíduos. Esses rejeitos são simplesmente jogados em latas de lixo espalhadas por toda a cidade. Pronto, você fez sua parte e está livre daquele problema. Consciência limpa, até porque você paga impostos e o caminhão da companhia de coleta de lixo da sua cidade passará na sua porta para levá-lo para algum lugar, longe dali.

A lata de lixo não é um simples desintegrador mágico de matéria. A humanidade vive em ciclos de desenvolvimento e neste momento estamos vivendo um ápice de desperdício e irresponsabilidade na extração dos recursos naturais esgotáveis. (GONÇALVES, 2003, 19).

A produção da quantidade de lixo cresce a cada dia no mundo em função do desperdício, da cultura capitalista de consumo por *status* e dos avanços tecnológicos, como vimos no capítulo anterior. De acordo com dados da companhia de lixo da Cidade do Rio de Janeiro, a média diária de recebimento de lixo, incluindo os rejeitos domiciliares (lixo que jogamos fora em nossa residência) e públicos (resíduos das ruas como, por exemplo, os resultantes da poda de árvores) tem crescido a cada ano. Veja o gráfico a seguir:



01- Média Diária de Recebimento de Lixo.⁴

Junto deste crescimento vem a pergunta: como destinar estes materiais de forma adequada?

De acordo com um levantamento realizado pelo Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), 70% das comunidades brasileiras têm no lançamento à céu aberto, ou seja, os famosos lixões, a sua metodologia de destinação final de resíduos sólidos.

Existem muitas soluções e alternativas para os problemas dos lixões a céu aberto. Uma delas é a construção de aterros sanitários ou controlados de diversos tipos, medida que já tem sido implantada por prefeituras de várias cidades, como o Rio de Janeiro, São Paulo e algumas cidades do Sul do país, por exemplo.

⁴ Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/comlurb>. Acesso: 09/2007.

Os lixões a céu aberto atraem vetores (insetos, baratas, ratos e moscas) e geram doenças, mau cheiro, improdutividade da terra ocupada e poluição das águas superficiais e subterrâneas pela produção de chorume – material resultante da biodegradação da matéria orgânica - e emitem gás metano que contribui para o efeito estufa e para a poluição do ar.

A construção de aterros sanitários ou controlados (quando um lixão se transforma em um aterro) é uma solução imprescindível, a curto e a longo prazo, para o problema dos lixões e a destinação dos resíduos, até mesmo porque existem diversos tipos de materiais que não podem ser reciclados.

A consultora ambiental, Pólita Gonçalves considera que o aterro é a tecnologia do “em último caso”. Caso o resíduo não possa voltar à cadeia produtiva de reciclagem por qualquer outro motivo, não sendo material perigoso, estamos protegidos pelo sistema de aterro sanitário bem implantado e bem operado. (GONÇALVES, 2003, 25).

O único problema resultante dos aterros é o fato de sua vida útil ser limitada. Daí a necessidade cada vez maior de espaços para a sua construção. Uma alternativa para aumentar o tempo de vida dos aterros é o trabalho dos catadores de lixo.

No documentário “Vida Útil” os catadores falam sobre a importância do seu trabalho no aterro controlado de Gramacho, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Além disso, ressaltam que se o aterro tem 27 anos, parte deve-se ao trabalho deles. São eles quem fomentam a indústria da reciclagem, aumentando a vida útil dos materiais extraídos da natureza.

Um outro ponto abordado no documentário é a preocupação dos catadores em relação ao fechamento do aterro de Gramacho devido à superlotação. No filme, o grupo de catadores resolve tomar a iniciativa de abrir um Pólo de Reciclagem apto a receber resíduos de empresas, residências e órgãos públicos.

Além dos aterros, uma outra alternativa são as usinas de compostagem – técnica utilizada para reaproveitar restos de comida - dos resíduos orgânicos (restos de comidas, cascas e etc), pois geram a produção de adubo fértil e natural para a atividade agrícola.

Outros sistemas de tratamento de lixo como mineralização, incineração, inertização por calor, usinas, qualquer um que não funcione a partir da separação na fonte será sempre paliativo e, principalmente, problemático, pois não contempla o aprimoramento do principal equipamento do sistema de gerenciamento de resíduos: o homem, o indivíduo gerador do resíduo. (GONÇALVES, 2003, 25).

O modelo de usinas de beneficiamento, amplamente implantado no estado do Rio de Janeiro pelas prefeituras, consiste em um galpão com uma esteira cheia de lixo doméstico, que não foi separado na fonte pelo consumidor. Esse lixo é separado pela equipe, devidamente protegida por equipamentos, em recicláveis, que são vendidos e em orgânicos, que são destinados à compostagem. O problema é que, como os resíduos se misturam, eles se contaminam e acabam perdendo o valor de mercado.

Muito pior do que isto é o poder de “deseducação ambiental” que este modelo favorece, já que estimula a não-responsabilidade individual e a não separação na fonte. Este modelo favorece a legitimação da manutenção do nosso comportamento insustentável com relação ao lixo. Estimula que os cidadãos, individualmente, adiem uma mudança de comportamento, justificados pelo aspecto paternalista do modelo. E, assim, retornamos à passividade cretina que leva alguns a pensar que jogar lixo na rua é bom porque garante empregos para garis. (GONÇALVES, 2003, 54).

Sendo assim, pode-se concluir que a crescente geração de resíduos sólidos urbanos é um problema urgente, pois impacta no meio ambiente com a poluição da água, solo, ar. Influência também nas atividades econômicas com o aumento do custo de produção com energia e extração de matéria-prima do meio ambiente e, em âmbito social, com a causa de doenças.

2.1.3 Soluções integradas e suas conseqüências

Com o intuito de solucionar os problemas provocados pela crescente geração de resíduos sólidos urbanos, diversas soluções já foram apontadas por especialistas e pensadores do ramo. As mais conhecidas são os 3R's: **Reduzir** o desperdício, **Reutilizar** o que for possível e **Reciclar** o que puder ser reaproveitado.

Reciclagem é o processo de reaproveitamento de metais, plásticos, papéis e vidros ou qualquer outro material, orgânico ou inorgânico, recuperando-o ou retransformando-o para aproveitamento ou novo uso. O processo pode ser industrial ou artesanal. A expressão vem do inglês *recycle* (*re* = repetir, e *cycle* = ciclo)⁵.

De acordo com GONÇALVES (2003, 21) o modelo ideal de reciclagem é o ecológico no qual há a integração dos aspectos ambientais de preocupação com o meio, dos sociais de inclusão dos catadores e segregação na fonte e dos econômicos com políticas de compra e venda que sejam benéficas tanto para os catadores quanto para os atravessadores e para as indústrias de beneficiamento.

⁵ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/reciclagem>. Acesso em: setembro de 2007.

A cadeia produtiva da reciclagem é formada por consumidor, catador, atravessador e indústria. Para entender melhor como se dá o processo da reciclagem, usaremos a proposta da pesquisadora Pólita Gonçalves que o definiu em dois círculos: o perverso, que procura definir o estado da arte da reciclagem com foco na cidade do Rio de Janeiro, e o virtuoso, modelo ideal de reciclagem sustentável.

No círculo perverso todos os atores contribuem para a falência do sistema, cada um com o seu texto de não-ação, não-interação, não-articulação e não-responsabilidade. (GONÇALVES, 2003, 36).

Neste modelo, o consumidor não separa os recicláveis em casa para a doação para catadores ou projetos voluntários; tenta colocar em prática conceitos pré-estabelecidos e não contempla as necessidades locais ao escolher programas de coleta seletiva; não pratica o consumo responsável e não recicla, ou seja, não pensa antes de comprar se o produto que está consumindo tem embalagens recicláveis ou reutilizáveis, se a empresa é ambientalmente responsável e sustentável, entre outras coisas.

O catador continua sendo marginalizado e explorado pelos atravessadores, em alguns casos trocam seus produtos por bebidas e drogas; rasga sacos nas ruas dificultando o trabalho dos garis e criando focos atrativos de vetores de doenças; não tem ética ambiental, pois só cata os materiais que dão retorno financeiro alto, deixando os demais resíduos sem destinação; não se organiza em cooperativas e associações, para ter maior força política, frente a reivindicações para melhores condições de trabalho e para o reconhecimento de sua profissão, e força econômica, nas negociações de vendas de seus produtos; e não desenvolve seu empreendedorismo.

O intermediário é fragmentado em uma cadeia de vários atravessadores o que encarece o preço dos materiais e provoca a exploração do trabalho dos catadores com propostas indignas; não possuem área de acúmulo para vender em grande quantidade; não verticaliza o beneficiamento; faz demagogia ecológica; não atua de forma ética e ambientalmente responsável por pensar exclusivamente no aspecto econômico.

A indústria não tem políticas sócio-ambientais e não é comprometida com a sustentabilidade de seu processo de produção; não investe na cadeia de fluxo logístico reverso do ponto de consumo até o ponto de origem incentivando a reciclagem de seus produtos e a compra de matérias-prima recicladas de fornecedores comprometidos com a sustentabilidade e os aspectos sociais; contribui para a manutenção do catador como um marginal explorado; não se sente responsável pelo destino final de suas embalagens que não têm coerência ambiental baseada no ecodesign; não incentiva programas de educação

ambiental para funcionários, colaboradores e sociedade; se beneficia da falta de consciência ambiental do seu consumidor, que muitas vezes não é informado de que está consumindo um produto reciclável pela crença do fabricante de que o juízo de valor será negativo.

No círculo perverso, a primeira etapa entre o consumidor e o catador é bastante ineficiente na maior parte das cidades brasileiras. Seja porque o pequeno gerador (consumidor) não busca alternativas de destinação para seus resíduos recicláveis, não procura saber se existe perto da sua casa uma obra social ou uma cooperativa que se interesse pelos materiais que ele vier a separar na fonte, seja porque a cooperativa não se articula dentro da sua comunidade se apresentando como um serviço importante e que tanto atua na questão ambiental como também social. A segunda etapa, entre o catador e atravessador, é muito fragmentada devido ao grande número de sucateiros. (GONÇALVES, 2003, 39).

O resultado disto é a baixa taxa de reciclagem (quantidade de resíduos reciclados).

Já no círculo virtuoso acontece exatamente o contrário, pois cada um faz a sua parte. Mas, principalmente, cada parte entende o círculo como um todo. Entende a cadeia produtiva, podendo assim atuar com coerência, livre da demagogia induzida ou criada – que é muito comum em questões ambientais – livre do assistencialismo. (GONÇALVES, 2003, 41).

Os catadores, personagens do “Vida Útil”, podem ser definidos como pertencentes a este círculo da reciclagem, pois são organizados em uma cooperativa, e por isso, têm força política e econômica; pensam sustentavelmente; procuram se articular com a sociedade e as instituições dos arredores de Gramacho; participam de congressos nacionais e internacionais de sua categoria; tem uma política de inclusão social, pois preocupam-se em motivar outros colegas a participarem da cooperativa, realizam programas de integração da equipe com jogos de futebol, realização de festas, entre outras coisas.

A reciclagem do círculo virtuoso reduz a quantidade de lixo que vai para os aterros sanitários aumentando sua vida útil; diminui a necessidade de exploração dos recursos naturais renováveis e não-renováveis; gera economia de energia e água nos processos produtivos; reduz a poluição; incentiva e promove o desenvolvimento sustentável; atua no combate à exclusão social; apóia o empreendedorismo dos catadores; gera trabalho e renda de forma digna e respeitada; ajuda a melhorar o nível cultural e de educação ambiental da comunidade; fortalece as organizações comunitárias por meio da coleta seletiva e reduz os custos com a coleta de lixo regular, que é tarifada de acordo com as toneladas coletadas.

Na cadeia produtiva da reciclagem, a coleta seletiva é um dos principais meios de captação de resíduos a serem processados e transformados pela indústria. Para implantá-la, é preciso haver um planejamento.

A coleta seletiva consiste na separação, na própria fonte geradora, dos componentes que podem ser recuperados, mediante um acondicionamento distinto para cada componente ou grupo de componentes. (CEMPRE, 2007).

De acordo com Pólita Gonçalves, o planejamento deve considerar três elos fundamentais: o envolvimento de pessoas por meio de um programa educação ambiental eficiente; um programa de logística de coleta e um sistema adequado de destinação. Assim, deve ser realizado de trás para a frente, ou seja, em primeiro lugar, deve-se definir o destino dos materiais coletados (doação ou venda). Feito isso, deve-se escolher a melhor forma de transportar os materiais separados na fonte. Por último, definir um plano de educação ambiental que seja constante e não se resuma a apenas uma ou duas campanhas.

Outro ponto fundamental é o fato dos programas de coletas serem planejados e construídos a partir de uma realidade local e não se basear em exemplos de outros países e cidades. Cada localidade tem sua cultura, peculiaridade, público, e infra-estrutura, por isso os programas deve ser pensados de formas diferentes.

Há necessidade de transformação, de um trabalho que vise despertar a responsabilidade individual sobre o lixo na sociedade. O importante para esse trabalho e essa transformação é compreender melhor como funciona e como opera a cadeia produtiva da reciclagem, evitando assim a demagogia ecológica e aumentando o poder de contribuição de cada um de nós. Uma das faces da demagogia ecológica é a aplicação de modelos importados de outras realidades que oneram o cidadão sem contribuir como solução. O que é solução para uma localidade pode não ser em outra. Legitimados por esta demagogia ecológica milhões de dólares são gastos com tecnologias obsoletas e não apropriadas para a nossa realidade local. (GONÇALVES, 2003, 20).

Ao doar os resíduos domésticos para uma cooperativa, o consumidor deve observar se esta é ambientalmente responsável e não pratica a coleta seletiva fracionada, ou seja, se aceita receber todos os tipos de materiais e não somente aqueles que dão maior retorno financeiro. A cooperativa deve ter o compromisso de destinar para aterros sanitários ou controlados aqueles resíduos que recebe e que não puderam ser reaproveitados por ela.

Além de contribuir com a redução do volume dos resíduos que vão para os aterros e garantir uma maior qualidade dos resíduos recicláveis, os programas de coleta seletiva cumprem também uma função social. Eles integram pessoas de uma mesma comunidade

fortalecendo a cidadania e a participação popular; permitem parcerias com catadores, empresas, associações ecológicas, escolas, sucateiros e fomentam o trabalho dos catadores, gerando renda e dignidade para uma parcela da população excluída seja pelos vícios ou pelo pouco grau de instrução escolar.

Sendo o trabalho dos catadores cooperativados a alternativa disponível para a destinação ambientalmente correta de resíduos sólidos domésticos recicláveis, é função do educador ambiental conhecer e difundir esse trabalho, favorecendo um movimento de integração comunitária e inclusão social vivenciado por esses catadores que reencontram na coleta de resíduos recicláveis seu lugar na sociedade, sua dignidade e seu rendimento. (GONÇALVES, 2003, 53).

Muitos técnicos questionam se seria possível reciclar a totalidade dos materiais recicláveis constituintes do nosso lixo produzido. Tecnicamente seria inviável uma estrutura industrial por todo o planeta para dar conta da reciclagem de toda a fração reciclável dos resíduos sólidos. Mas creio que a discussão deva ser mais profunda. Importa menos se será possível reciclar tudo e mais se ao percebermos que é fundamental separar na fonte percebermos também que é importante o não desperdício. O que realmente importa é a diminuição da geração de resíduos e que nós façamos tudo para aumentar a vida útil dos materiais extraídos da natureza. Desde quem desenha a embalagem até quem consome e quem coleta e faz o beneficiamento primário para a reciclagem. (GONÇALVES, 2003, 23).

No filme “Vida Útil”, são apresentadas ainda outras soluções alternativas a reciclagem: o reduzir e o reutilizar.

Reduzir não quer dizer parar de consumir. Mas, sim pensar com responsabilidade ambiental antes de comprar, ou seja, precificar. Por exemplo, ao invés de consumir 3 embalagens de leite, comprar apenas uma lata de leite em pó, que equivale a mesma quantidade.

Outro exemplo disto está no uso de embalagens. Todos os dias consumimos dezenas delas que, em muitos casos, não tem serventia nenhuma além da auto-promoção e marketing do produto ou empresa.

Reduzir é diminuir a quantidade de resíduos que vai para os aterros, contribuindo assim com o prolongamento do tempo de vida útil deles; para a redução da poluição do ar e das águas; para a diminuir a necessidade de extração de matérias-primas da natureza e, conseqüentemente, o gasto de energia. Reduzir é não desperdiçar, é consumir o necessário para uma vida saudável, é consumir produtos que tenham maior durabilidade.

Isso permite, principalmente, que o produto possa ser reutilizado para algum outro fim. Reutilizar é dar uma nova função aos resíduos que seriam descartados. Esse

método é muito utilizado por curiosos, como no caso do aquecedor à energia solar feito de PET. As vassouras e poltronas de PET são outro exemplo.

Já o trabalho dos artistas plásticos, em esculturas, exposições e dos artesãos que criam bijoutherias, peças de decoração e até móveis, são considerados como reciclagem. Existe uma pequena diferença entre reciclar e reutilizar. Reutilizar é dar um novo uso aos resíduos sem alterar seu estado. Já na reciclagem, o resíduo é submetido a um processo industrial ou artesanal e pode tornar-se um novo material.

O importante é pensarmos os 3Rs procurando evitar do desperdício, reutilizar sempre que possível e, sobretudo, preciclar! Pensar antes de comprar. Pensar no resíduo que será gerado. Pensar que a história das coisas não acaba quando as jogamos no lixo nem tampouco acaba a nossa responsabilidade! (GONÇALVES, 2003, 85).

É um problema de falta de ousadia propositiva, enfim, de diretrizes que mantenham firmes o objetivo da sustentabilidade para o planeta em nossas ações, sem desvio de rota na direção do mais fácil. Não é fácil. É um trabalho de todos. Não apenas da administração pública ou das empresas produtores de embalagens ou do consumidor ou das escolas ou dos excluídos. É um trabalho para ser abordado de forma complexa, um trabalho em conjunto, sem soluções milagrosas. A não ser, é claro, um milagre da transformação, pois afinal de contas, nada se perde, tudo se transforma! (GONÇALVES, 2003, 26).

2.2 A FUNÇÃO SENSIBILIZADORA E EDUCATIVA DO DOCUMENTÁRIO

Nesta segunda parte do capítulo, falaremos sobre de que modo o audiovisual pode ser uma ferramenta que contribui para a mobilização, sensibilização social e mostraremos de que modo o documentário “Vida Útil” tenta cumprir esta função.

2.2.1 Mudança de paradigma

Meio ambiente está na moda. São artistas que expõem obras sobre reciclagem; é a mídia com diversas reportagens sobre meio ambiente; são as empresas implantando políticas de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável; são os políticos criando leis e políticas públicas com foco no meio ambiente e pesquisadores das mais diversas áreas do saber que procuram publicar estudos relacionando a área de sua competência ao meio ambiente.

Esses movimentos mostram o surgimento de uma tímida conscientização ambiental por parte de algumas pessoas. Alguns ambientalistas chegam a sugerir a existência de um movimento de “facismo ambiental” que é caracterizado pelas pessoas que pensam o meio ambiente de forma alarmista e fazem projeções trágicas para chamar a atenção da sociedade, como o chamado “ponto de não-retorno”, no qual, em um dado momento da humanidade, não importará mais o que as pessoas fizerem, o meio ambiente não conseguirá mais se regenerar de todos os males que lhe foram causados pelos homens.

Apesar de toda essa mobilização, o que se verifica é que a maioria das pessoas ainda continua desperdiçando os recursos naturais esgotáveis exatamente por crerem que meio ambiente é uma questão de fauna e flora e que, por isso, está muito distante da sua realidade e, também, por estarem envolvidas em uma lógica cultural de consumo por *status* social, dentro de uma perspectiva egocêntrica de valorização do “eu”, e acabam não se concentrando no consumo do necessário. Daí a não preocupação com o fato de que os recursos são finitos.

Um erro bastante comum é confundir meio ambiente com fauna e flora, como se fossem sinônimos. É grave também a constatação de que a maioria dos brasileiros não se percebe como parte do meio ambiente, normalmente entendido como algo de fora, que não nos inclui. A expansão da consciência ambiental se dá na exata proporção em que percebemos meio ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações que estabelecemos com o universo. (TRIGUEIRO, 2005, 13).

Para que as soluções propostas no capítulo anterior, com o objetivo de contribuir para uma melhor gestão dos resíduos sólidos urbanos, sejam implementadas com eficácia na sociedade capitalista centrada no consumo do desperdício, torna-se necessário realizar uma revisão dos paradigmas atuais.

Para que a reciclagem seja praticada de forma a integrar os aspectos econômicos, sociais e ambientais; para que os cidadãos possam pensar sustentavelmente antes de consumir, ou seja, preciclar; para que as pessoas comecem a reduzir e reutilizar ao invés de simplesmente jogar tudo na lata do lixo com o desejo de se livrar o mais rápido daquele “problema”, é necessário que cada indivíduo se sinta responsável pelo resíduo que produz e que se veja como parte integrante de uma teia da vida, onde a vida de todos os seres está conectada em uma rede e, portanto, tudo o que um deles fizer refletirá na sua própria existência e também na vida de todos os participantes desta teia, no presente e no futuro.

Isso nós sabemos. Todas as coisas são conectadas como o sangue que une uma família... O que acontecer com a terra acontecerá com os filhos da terra. O Homem não teceu a teia da vida, ele é dela apenas um fio. O que ele fizer para a teia estará fazendo a si mesmo. (PERRY *apud* CAPRA, 1996, 1).

2.2.2 Audiovisual como ferramenta sensibilizadora para a educação ambiental

Nesse capítulo é abordado o modo como a linguagem audiovisual pode contribuir para incentivar esta mudança de paradigmas.

Provocar o despertar de um novo modo de pensar e agir nos indivíduos exige um conjunto de fatores que envolve as esferas política, econômica, cultural, social e psicológica do saber. Portanto, é um processo que demanda tempo e uma conjuntura favorável.

A comunicação está intimamente ligada à cultura de um povo, pois ela é um dos instrumentos por meio do qual o indivíduo interage com os outros, enquanto emissor e receptor de informações e signos que contribuem para a formação das suas verdades, crenças e modos de pensar e agir. E é por meio desse processo comunicativo que o “Vida Útil” pretende ser um estímulo a construção deste novo paradigma.

À medida que as comunicações acontecem em uma rede social, elas acabam produzindo um sistema compartilhado de significados, conhecido como cultura, que é sustentado continuamente por novas comunicações. Através da cultura, os indivíduos adquirem identidades, como membros da rede social. (CAPRA *apud* TRIGUEIRO, 2006, 23).

Como filme do gênero documentário, o “Vida Útil” tem uma finalidade social: a intenção de sugerir um estímulo a esta mudança nos modos de pensar e agir na busca da

construção de um novo paradigma comprometido com o dever do consumidor enquanto cidadão perante ao meio ambiente, do qual ele é parte integrante e constituinte. Com este fim, o documentário utiliza como recurso a sensibilização do espectador, e, em alguns momentos, a narrativa didática do modo expositivo.

Mudanças de comportamento motivadas por multas ou recompensas tendem a não perseverar depois de encerrada a coerção ou estímulo externo. Em contrapartida mudanças motivadas por uma sensibilização do indivíduo tendem a ser para sempre. Aí sim é mudança. Quando trabalhamos a motivação para a mudança baseando os argumentos nas questões ambientais e sociais estamos trabalhando o senso crítico das pessoas, estamos trabalhando com educação, com fazer a diferença, com o poder individual que as pessoas têm de mudar o mundo a partir da sua mudança, e não apenas com uma adequação de comportamento elástica que, uma vez cessado o indutor, volta tudo como era antes. (GONÇALVES, 2003, 87).

Para estimular este novo modo de pensar e agir, a comunicação deve alcançar e sensibilizar o maior número de pessoas possível. O produto audiovisual é um meio de comunicação de massa eficiente, pois tem uma linguagem fundada na imagem e, por isso, conta com um maior alcance de público em detrimento dos veículos impressos, que são fundados na escrita e, portanto, demandam a necessidade de se saber ler.

É essa conceituação de sociedade das imagens, relacionada à imagem visual, que se pode entender quando Jameson (1997, p. 120-121) afirma, por exemplo que “esse é o verdadeiro momento da sociedade das imagens, na qual (...) os indivíduos já estão expostos ao bombardeio de até mil imagens por dia, vivem e consomem cultura de maneiras novas e diferentes”, numa “realidade que tornou-se profundamente visual” (...).⁶

A linguagem simples, informal e clara do documentário “Vida Útil” pretende torná-lo um meio de comunicação de massa eficiente para estimular a sensibilização do espectador para a questão dos resíduos sólidos urbanos de um modo sugestivo e educativo. Para isto, o filme procura mostrar o catador de lixo de uma nova perspectiva: como um exemplo de ator participante do ciclo virtuoso da reciclagem, uma iniciativa sustentável a ser seguida pelos consumidores-cidadãos dentro do novo paradigma.

Outra intenção do “Vida Útil” é lançar sugestões para a ação, ou seja, indicar iniciativas simples e práticas que os cidadãos consumidores podem começar a tomar para mudar sua forma de pensar e agir sobre os resíduos sólidos urbanos que produzem todos os dias.

⁶ Disponível em: www.eco.ufrj.br/semiosfera. Acesso em setembro de 2007.

Para isso, o documentário apresenta, em alguns momentos tênues, uma narrativa educativa e didática que constrói sua credibilidade na união das vozes de especialistas ambientais como o jornalista André Trigueiro; a vereadora Aspásia Camargo; o ativista Eduardo Bernhardt e a pesquisadora Pólita Gonçalves, para convidar o espectador-cidadão a praticar uma melhor gestão do lixo em seu dia-a-dia.

3 OS MODOS DE REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE E UM NOVO OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HOMEM, LIXO E O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO

Este capítulo tem como objetivo fazer um retrospecto histórico da linguagem do documentário e dos seus modos de representação da realidade por meio da construção do real em três documentários brasileiros que abordam a questão do lixo e as relações humanas com esses dejetos.

Há quem diga que o documentário surgiu na origem do cinema com as primeiras gravações dos irmãos Lumière, já Bill Nichols disse que “Todo filme é um documentário”, uma vez que todo filme seja ele uma ficção ou um documentário propriamente dito, tem por natureza a característica de reproduzir aspectos históricos e culturais de seus realizadores, sejam eles: o próprio cineasta, os personagens ou os atores sociais presentes no filme.

Não pretendemos entrar na discussão sobre o que diferencia os filmes de ficção dos filmes documentários, ou como os americanos preferem chamar: filmes de não-ficção, e sim nos ater as questões pertinentes aos documentários de representação social, fazendo uma abordagem histórica do gênero, os contextualizando e analisando os seus modos de representação da realidade assim como foi proposto por Bill Nichols em sua classificação dos subgêneros do documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático, lembrando que um filme pode conter mais de um dos subgêneros sem perder a sua identidade e sua ideologia realista.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos de representação entra em cena varia de filme para filme, mas a idéia de representação é fundamental para o documentário. (NICHOLS, 2005, 30).

Outro aspecto importante a ser comentado ao longo dos próximos capítulos é o caráter etnográfico do documentário que busca conhecer o outro por meio de pesquisas antropológicas, entrando no universo cotidiano de seus atores sociais. Para essa análise, teremos como base as obras de três documentaristas brasileiros que de alguma forma abordaram em seus trabalhos a relação do homem com o lixo: Eduardo Coutinho, Jorge

Furtado e Marcos Prado, dividindo-os em capítulos que focam nos subgêneros do documentário.

3.1 O MODO PARTICIPATIVO E O CINEMA ANTROPOLÓGICO DE EDUARDO COUTINHO

A denominação do modo participativo refere-se à vertente do documentário francês, criada na década de 60, chamada “*Cinema Verité*”, ou Cinema Verdade. Essa definição remota ao termo “*Kino-Pravda*”, criado pelo cineasta russo Dziga Vertov, na década de 20, que significa Cinema-Olho, e tinha por objetivo expor a verdade dos fatos, aquela que foi capturada pelo olhar da câmera, sendo assim irrefutável. Os cineastas do modo interativo buscam encontrar essa mesma verdade através do encontro da equipe de filmagem com os atores sociais, na forma de entrevistas e depoimentos. Esse tipo de interferência na realização do documentário é explícita, pois seus realizadores estão convictos de que qualquer realidade sofre alteração quando diante de uma câmera que imprimirá aquele momento para a posteridade.

O modo interativo enfatiza a intervenção do cineasta, ao invés de procurar suprimi-la. A interação entre a equipe e os “atores-sociais” assume o primeiro plano, na forma de interpelação ou depoimento. A montagem articula a continuidade espaço-temporal deste encontro e explicita os pontos de vista em jogo. Ao contrário de um texto impessoal em *off*, a voz do cineasta é dirigida aos próprios participantes da filmagem. A subjetividade do realizador e dos atores sociais é plenamente assumida. (DÁ-RIN, 2004, 135).

O diretor no modo interativo é visto também como um ator-social, e é colocando-se nesse papel que ele transmite ao espectador o sentimento de estar presente em um meio que não é o seu habitual. Essa prática é exatamente a oposta do modo observativo, que tem como base o cinema direto americano, e que buscava o mínimo possível de intervenção, colocando o espectador na posição de “observador ideal” de um determinado acontecimento. A câmera tenta se comportar como “a mosca na parede”, quase imperceptível, filmando de forma contínua a ação enquadrada.

No Brasil um cineasta que foi muito influenciado pelo cinema verdade francês, foi o documentarista Eduardo Coutinho, que em diversos filmes utilizou-se do modo participativo de representação da realidade. Sendo os mais significativos: “Cabra Marcado para Morrer”, “Santa Marta, Duas Semanas no Morro”, “Babilônia 2000”, “Edifício Master” e “Boca de Lixo”.

Além da utilização do modo interativo nesses documentários, existem outras particularidades comuns a todos eles, e que passaram a ser uma marca registrada na obra do

cineasta. Coutinho sempre teve uma predileção pelo popular, o cidadão comum, o marginalizado, aqueles que não têm espaço na mídia tradicional, seja ele um catador no lixão de São Gonçalo, um morador de uma favela ou de um edifício na zona sul do Rio de Janeiro.

Essa é outra característica marcante nos filmes mais recentes de Eduardo Coutinho, o desafio de filmar em um espaço restrito. Essa limitação geográfica que passou a ser conhecida como o princípio da “locação única”, é ao mesmo tempo um grande desafio para o realizador do filme e uma maneira virtuosa de trabalhar com uma concretude que passa credibilidade na relação particular-geral.

Sendo aquele que vem de fora, o curioso que adentra por uma realidade até então desconhecida, Coutinho assume o papel de um antropólogo, assumindo a diferença entre ele e seus entrevistados, mas buscando uma igualdade proporcionada por esse encontro intermediado pela câmera. Sendo assim, Coutinho consegue extrair uma visão geral da sociedade brasileira a partir de exemplos específicos de coletividade, sem ter o compromisso de representar, definir ou idealizar esses grupos.

“Filmo o que existe”, costuma observar Coutinho, o que tampouco quer dizer que a realidade fala por si, ou que ele não interfere no que filma. Esses clichês do documentário jamais fizeram parte do cinema do diretor. Há uma aceitação não resignada do mundo, algo que o filósofo francês Clément Rosset chama de princípio da realidade suficiente, ou, ainda, princípio de crueldade, a aceitação da “natureza intrinsecamente dolorosa e trágica da realidade, ... o caráter único, e conseqüentemente irremediável e inapelável, dessa realidade.” (LINS, 2004, 94).

Coutinho tem um método muito especial para conquistar as pessoas que pretende filmar, busca uma proximidade afetiva que faz com que os entrevistados tenham confiança nele e assim contem coisas das mais íntimas. Não é raro que uma mesma entrevista seja rodada diversas vezes até que o diretor obtenha essa confiança e possa extrair todas as possibilidades na entrevista de um determinado personagem. Coutinho ouve atentamente os depoimentos, e faz pequenas intervenções de maneira pontual, tal qual um psicólogo durante uma consulta. Ao longo das entrevistas seus “pacientes” passam por um processo de transformação, falam tanto de si, que acabam por descobrir-se durante esse processo.

A respeito da relação entre pessoa e personagem, ocorre algo interessante. Na filmagem, encontro-me com uma pessoa durante uma hora, sem a conhecer de antemão, e às vezes nunca mais a vejo depois disso. E na montagem, durante meses, lido com ela como se fosse um personagem. Ela é, de certa forma, uma ficção, por isso a chamo de personagem, já que ela “inventou”, numa hora de encontro, uma vida que não conheci. Se a filmo

durante uma hora, ficam na edição final cinco ou sete minutos. Faço dela um concentrado daquilo que eu acho que é o melhor que ela possa ter. (COUTINHO, XAVIER, FURTADO, 2005, 121).

Na maioria dos seus filmes existe um trabalho extenso de pesquisa e de pré-entrevistas, o que é um facilitador para as gravações. Como no caso de “Babilônia 2000” que contou com quatro equipes distintas de gravações, cada uma com alguém que tenha participado do processo de prévio de pesquisas. Mas no caso específico do filme “Boca de Lixo”, Coutinho não pode contar com esses artifícios de pré-produção, tendo começado as gravações sem poder “preparar o terreno”, o que gerou uma rejeição inicial por parte dos catadores que não queriam falar e questionavam o porquê daquela gravação.

Para facilitar essa aproximação, Coutinho retornou ao Vazadouro de Itaoca levando impressões de fotos retiradas das primeiras gravações. E foi essa alternativa que a princípio parecia arriscada, formou um elo de identificação entre a equipe e os catadores locais, que já não o viam mais como alguém que iria se apropriar indevidamente de sua imagem, pois esse “estranho” agora retorna para compartilhar o que foi filmado. E essa mesma lógica, foi utilizada nas cenas finais do documentário, quando Coutinho retorna ao lixão, com o filme quase finalizado e faz uma exibição pública no lixão, e aquela resistência inicial dá lugar ao prazer de se ver na tela.

Depois de ganhar a confiança dos seus personagens, vemos que Coutinho consegue depoimentos fortes e que fazem um contraponto como o início do filme. Ao interagirem com o cineasta os catadores procuram incorporar intencionalmente ou inconscientemente valores humanos como: honestidade, dignidade, apreço pelo trabalho, como se fosse preciso reafirmar oralmente essas qualidades durante sua representação, para desviar a atenção do local onde atuam e a forma como estão caracterizados.

Os catadores de lixo conhecem bem a idéia negativa que os telejornais deles fornecem e não querem reiterá-la. É como se eles se recusassem a ser transformados em “tipos”. (LINS, 2004, 88).

3.2 O MODO REFLEXIVO E O “FALSO DOCUMENTÁRIO” DE JORGE FURTADO

Para começar esse capítulo é preciso apresentar primeiramente o modo expositivo de representação, utilizado na origem clássica do documentário e reproduzido em larga escala até o início dos anos 60. O modo expositivo prevê uma separação entre documentarista, os personagens e o público, e tem como premissa: “Ele fala deles para nós”. Essa fala se dá através de uma narração em *off*, também conhecida como voz de Deus, que serve para veicular o argumento, e é ela que garante a autenticidade do modo expositivo. Esse tipo de linguagem retórica e argumentativa passou a ser utilizada nos telejornais como os conhecemos atualmente. Além dessa estrutura de narração existem outros mecanismos que caracterizam o modo expositivo, como: a utilização de cartelas ou letreiros, discurso institucional e didático, a imagem como ilustração a serviço do texto e o compromisso como o mundo histórico.

Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. (NICHOLS, 2005, 143).

Tendo em vista os conceitos fundamentais do modo expositivo é possível analisar o modo reflexivo, pois este se apropria dos mesmos conceitos do primeiro, porém com uma outra intenção e compromisso. O modo reflexivo utiliza-se da metalinguagem como metodologia. Ao contrário do modo expositivo, o modo reflexivo busca uma aproximação com o espectador e utiliza-se de artifícios para questionar a possibilidade de uma representação objetiva do mundo.

O modo reflexivo busca despertar no espectador a consciência da sua relação direta com o documentário e aquilo que ele busca representar, não sendo o documentário um espelho privilegiado da realidade.

Se no modo participativo, o mundo histórico provê o ponto de encontro para os processos de negociação entre cineasta e participante do filme, no modo reflexivo, são os processos de negociação entre cineasta e espectador que se tornam foco de atenção. Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico

como também dos problemas e questões da representação. (NICHOLS, 2005, 162).

O cinema reflexivo tem por natureza questionar as práticas, procedimentos e códigos da linguagem do documentário, principalmente dos que se enquadram no modo expositivo. Um dos maiores representantes desse gênero no Brasil é certamente o cineasta Jorge Furtado, que teve como obra de maior repercussão o curta-metragem *Ilha das Flores*.

O personagem principal de “*Ilha das Flores*” é um singelo tomate. Acompanhamos a vida desse personagem desde a sua colheita, por uma viagem recortada e elíptica, até o seu descarte em um lixão na Ilha das Flores. Essa viagem é conduzida por uma narração em *off* - tal qual a de um documentário clássico – com tom enciclopédico e pedagógico, na voz do ator Paulo José.

Assim como no modo expositivo, as imagens no curta-metragem de Jorge Furtado estão a serviço do texto, em uma grande colagem na forma de hipertexto utilizando-se de fotos, gráficos, imagens de arquivo e animações, que servem para ilustrar da maneira mais descritiva possível o que é dito na narração.

A caminho do lixão o espectador é bombardeado por informações e associações das mais diversas como as peculiaridades da anatomia privilegiada do corpo humano, uma prova de história do Brasil, o lucro e o mercado capitalista, a atrocidade da guerra e a miséria humana. O filme trata desses assuntos tão fortes e marcantes no mundo histórico com tiradas irônicas e cômicas. A narrativa faz com que todos os fenômenos históricos e todos os personagens do filme estivessem concatenados em uma cadeia lógica de acontecimentos.

A principal característica auto-reflexiva de *Ilhas das Flores* está contida na paródia do documentário expositivo, ao longo de toda a sua primeira parte. Paródia que não tem como objetivo produzir o distanciamento crítico do espectador, mas está a serviço de uma estratégia narrativa que visa estabelecer a empatia através do humor, para melhor desferir o golpe da seqüência final. (DÁ-RIN, 2004, 203).

A única coisa que parece estar fora da ordem natural, é a inversão dos valores que colocam os seres humanos depois dos porcos na prioridade de escolha de alimentos descartados em um lixão. O que torna o filme excepcional é que a narrativa e o próprio conteúdo abordado, caminham juntos para revelar um mesmo tema: o equilíbrio e o desequilíbrio de um ecossistema. O equilíbrio da forma e o desequilíbrio do conteúdo estão tão próximos a ponto de se fundirem racionalmente no roteiro escrito por Jorge Furtado, na intenção de construir esse argumento.

Conscientemente ou não – pouco importa – a estratégia retórica de “Ilha das Flores” coloca em primeiro plano a artificialidade do discurso cinematográfico e a natureza convencional da representação. Evidencia-se como uma construção, “resultado de um trabalho completamente racional”. Ainda que os objetivos não pareçam ser da ordem da problematização do modelo clássico do documentário, mas antes de sua apropriação em outro registro discursivo, em “Ilha das Flores” a paródia e a ironia têm o efeito de questionar a representação e desvelar a arbitrariedade das convenções cinematográficas empregadas na construção de um argumento. (DÁ-RIN, 2004, 204).

Outro dispositivo apropriado do modo expositivo é a utilização de cartelas, que aparecem logo no começo do filme: “Este não é um filme de ficção”, “Existe um lugar chamado Ilha das Flores” e “Deus não existe”.

A maior parte das locações foram rodadas na Ilha dos Marinheiros, como Furtado revela nos créditos finais do filme. Ele revela também que a última frase do roteiro “Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”, na verdade é do “Romanceiro da Inconfidência” de Cecília Meireles, que a trilha sonora na verdade é o “Guarani” de Carlos Gomes, que os personagens na verdade são atores, o dono dos porcos é também o motorista da Kombi que transporta os tomates, e que “o resto é verdade”. Essa última informação vem numa cartela que faz menção à primeira cartela do filme: “Este não é um filme de ficção”, e reflete bem o sentimento do documentarista quanto ao futuro dessas pessoas.

Não acho que “Ilhas das Flores” seja exatamente um documentário. Parte é documentário e parte não é. Parte é evidentemente não-documentário, como a cena de uma atriz vendendo perfumes. Existem coisas que certamente são documentário e outras que não sabemos exatamente se são ou não. Há uma cena em *Ilha das Flores* que vale a pena mencionar. As pessoas da região diziam que esse homem, dono dos porcos que aparecem no filme, “abre o terreno pra gente pegar as coisas, os outros não. Então ele é bacana.” Os outros alimentam os porcos e fim. Este não. Este abre o local e permite que as pessoas peguem a comida depois dos porcos. E eles me disseram: “não queremos que ele pare de fazer isso”. E havia uma preocupação com isso. (COUTINHO, XAVIER, FURTADO, 2005,135).

3.3 O DOCUMENTÁRIO ESTAMIRA DE MARCOS PRADO E A RECENTE PRODUÇÃO NACIONAL

O documentário *Estamira* tem uma característica diferente dos citados até agora, pois ele gira entorno de um ator social central, no caso uma catadora que trabalha no aterro de Jardim Gramacho. Dona Estamira não é uma personagem qualquer, e mostrou isso ao longo dos mais de dois anos de gravações. A catadora que sofre de esquizofrenia, teve registrada de maneira profunda e instigante toda a complexidade do seu distúrbio psicológico. Dona Estamira é uma pessoa sofrida, que trabalha no lixão e vive cercada por teorias da conspiração, mas sem deixar de conter aquela velha “sabedoria popular”.

Estamira acredita ser detentora das verdades do universo, e à sua maneira enfurecida e perturbada propõe discussões complexas como a possibilidade de vivermos em uma sociedade de controle, alienada pela religião e pelo uso de medicamentos, sociedade essa que luta contra os “rebeldes” guardiões do estado de consciência representados por ela. O produto que podemos extrair dessa narrativa em sua subjetividade retórica, é a força de um personagem que representa ao máximo as minorias sociais: mulher, negra, miserável, louca, mas que não se deixa abalar por sua condição e mantém bravamente as suas convicções.

O filme por diversas vezes dialoga com o modo poético de representação da realidade. Como foi filmado por um fotógrafo de imagens *still*, o enquadramento é sempre muito bem pensado, e o tipo de textura utilizado reflete sentimentos e momentos específicos do filme. Na maior parte do tempo, o universo de Dona Estamira no lixão é retratado em preto e branco com uma fotografia suja e granulada. Porém ela aparece em cores vivas quando começa a discursar sobre as suas visões e sobre a natureza “superior”.

Na cena final, por exemplo, Estamira se encontra em contraluz de frente para o mar agitado, que reflete bem o seu estado psíquico. O diretor Marcos Prado não se preocupou em apenas registrar o real, como ainda desenvolveu uma construção estética com o material captado. Utilizou-se de diversos efeitos de finalização de vídeo e de áudio para atingir uma atmosfera que beira o sobrenatural e o apocalíptico.

O modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a idéia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. (...) As pessoas funcionam, mais caracteristicamente, em igualdade de condições com outros objetos, como a matéria-prima que os cineastas selecionam e organizam em associações e padrões escolhidos por eles. (NICHOLS, 2005, 138).

O encontro da catadora com o diretor Marcos Prado não é tão evidente como no filme Boca de Lixo de Eduardo Coutinho. A relação de carinho que se construiu ao longo da jornada de gravações não é presente no filme. A opção pelo olhar sem o ponto de vista assumido de quem vê, sem a experiência de quem é de fora daquele meio, sem o choque de culturas entre diretor e personagem, denota o objetivo de expor no filme o resultado de um processo, e não o processo em si pelo qual se chegou a esse resultado.

Essa relação com o ator social que desempenha papel central no filme também existiu em outro trabalho do diretor: Ônibus 174. Se essa relação não se deu de maneira direta, por razões óbvias, ela existiu na dedicação do trabalho de pesquisa da história do ex-menino de rua: Sandro. Ao mesmo tempo em que acompanhamos as imagens gravadas pelas redes de televisão, escutamos os depoimentos das vítimas e dos policiais que participaram daquela desastrosa ação e acompanhamos uma minuciosa reconstituição da vida do seqüestrador.

(...) Ônibus174 permite levantar questões interessantes sobre a relação entre performance, mídia, violência e pobreza. A análise sugere que tratamentos semelhantes para outros filmes podem ser produtivos no sentido de enriquecer o debate sobre como representar a violência e a pobreza no Brasil sem reproduzi-las. (HAMBURGUER, 2005, 208).

Podemos observar aspectos comuns em recentes e badalados documentários brasileiros. Estamira, Moacyr Arte Bruta de Walter Carvalho, A Pessoa é para o Que Nasce de Roberto Berliner, são filmes que giram em torno de um personagem central. Tudo bem que no último são três, mas apesar de toda individualidade é difícil pensar separadamente nas três ceguinhas cantadoras. Nesses filmes existem personagens com algum tipo de anomalia física, como a esquizofrenia de Dona Estamira e a má formação óssea de Moacir, porém são figuras especiais dotadas de uma inspiração artística anormal e uma sabedoria autista que os tornam seres curiosíssimos. Dada as suas condições naturais são pessoas menos contaminadas pela racionalidade da sociedade em que vivemos, e por isso se fazem dignas de um registro histórico.

4 O PROJETO “VIDA ÚTIL”

Durante longas conversas ao telefone, descobriu-se o desejo comum de experimentar a produção e realização de um documentário. O fato curioso foi que o tema em mente era comum: o meio ambiente.

Sendo assim, uma reunião foi marcada em um bar no centro da cidade. No encontro foi discutido sobre como deveria ser o projeto. Inicialmente, a idéia era fazer um vídeo experimental com um foco mais didático e educativo. O tema escolhido foi o da gestão de resíduos sólidos urbanos por diversos motivos.

Apesar de ser um tema bastante explorado na mídia, a intenção era destacar não só o aspecto das possíveis soluções como os 3 R's, mas, principalmente a necessidade da reformulação do atual paradigma de consumo, como visto no capítulo 2.

O segundo motivo da escolha do tema se deu pela diversidade de aspectos que podem ser explorados neste assunto, como por exemplo, a geração de emprego para os catadores, a preocupação com o meio ambiente, a cidadania e os diferentes usos que se pode fazer desses resíduos, principalmente no ramo das artes e do *design*.

Porém, foi durante as gravações que o documentário tomou um novo rumo: o foco do projeto “Vida Útil” passaria agora a ser nos catadores de materiais recicláveis, com um olhar sobre a questão social do lixo e, em segundo plano, continuaria a intenção de sensibilizar e incentivar os espectadores a tomarem uma atitude diante desta problemática.

Essa decisão foi tomada entre as gravações e a decupagem, depois de assistirmos às sete horas de material bruto para então decidirmos como seria a montagem do filme. Uma vez que os personagens eram exóticos, engraçados, politizados e cheios de vitalidade, contrariavam a imagem do catador de lixo do senso-comum, no qual vigora a crença, entre outras visões, de que este é um marginal que bagunça os sacos de lixo das ruas por não ter condições de arrumar qualquer outro trabalho.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Neste capítulo será abordada a fase de pré-produção do “Vida Útil”.

4.1.2 Pesquisa

O processo de pesquisa não foi uma etapa das mais difíceis, pois foi adquirida uma boa fonte: a estudante de engenharia ambiental Thaisa Santos de Sá. Por ser irmã de um dos integrantes deste projeto e produtora-executiva do evento “UFRJ Ambientável”, que é realizado todos os anos pelos estudantes do curso de engenharia ambiental da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que engloba palestras e exposições de trabalhos de diversos pesquisadores e especialistas sobre diferenciados temas ligados ao meio ambiente. Ela se empenhou em nos dar todas as dicas que pôde.

Foi ela quem nos indicou a consultora Pólita Gonçalves e o jornalista André Trigreiro e nos orientou durante toda a caminhada com indicação de *sites*, livros e palestras.

Uma dificuldade que encontramos na pesquisa do tema foi a de conseguir livros que tratassem da questão dos resíduos sólidos urbanos em sua complexidade e abrangência. Porém, com a ajuda da Pólita, que indicou o “A Reciclagem Integradora dos Aspectos Econômicos, Sociais e Ambientais”, este problema foi solucionado. Mas, a dificuldade ficou por conta de comprá-lo, pois a publicação já estava esgotada em diversas livrarias. Foi, então, com o jeitinho dos companheiros da livraria da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que conseguimos alcançar tal façanha.

Junto com este, levamos ainda o “Mundo Sustentável” e o “Meio Ambiente no Século 21”, indicados pela estudante Thaísa.

Outra fonte muito importante foi a Internet. Ao contrário da escassez que se verificou no mundo literário sobre o tema, os *sites* revolucionaram: foram mais de 30 endereços visitados. Entre eles, os mais importantes para o nosso trabalho foram: mundosustentavel.com.br, olixo.com.br, o *site* da Rebea – Rede Brasileira de Educação Ambiental, o do CEMPRE – Compromisso Empresarial para a Reciclagem e o da Comlurb, entre outros.

Foi contatando o *site* da Rebea que conseguimos chegar à Organização Não-Governamental Recicloteca, localizada no bairro carioca de Laranjeiras. O objetivo da ONG é disseminar a educação ambiental por meio de exposições de artesanato, visitas guiadas de estudantes e palestras em instituições de ensino. Lá também funciona uma pequena produção

de adubo natural por meio da técnica de compostagem e um ateliê, onde os artesãos usam sua criatividade para fazer diversos artigos de decoração e bijouterias com material reciclado.

Visitamos a ONG diversas vezes e lá recebemos muitas informações que contribuíram para a parte teórica deste trabalho e também pegamos emprestado alguns filmes sobre o tema. Foi na Recicloteca também que conhecemos um de nossos personagens: o Eduardo Bernhardt, sobre o qual falaremos depois.

A pesquisa se estendeu também aos veículos de comunicação. Lemos matérias de jornais, revistas e *sites* jornalísticos sobre o tema. Outra referência importante foi o projeto final “Reciclando o Pensamento” das alunas Ana Flávia Vaz e Fernanda Mota, da Escola de Comunicação da UFRJ.

4.1.3 A escolha dos personagens

Foi na etapa pesquisa é que procuramos também os nossos personagens. Como tínhamos a pretensão de fazer um documentário didático, procuramos contemplar as diferentes visões de alguns campos do saber: político, ambientalista, ativista, catador, jornalista e consumidores.

Pensávamos que desta forma poderíamos juntar em um documentário a voz didática, representada pelo ambientalista; as vozes de quem participa do processo de geração e reciclagem do lixo, representadas pelos consumidores, ativista e catador; a voz da mídia como força de divulgação de idéias, representada pelo jornalista e a voz da política como responsável pela promoção e incentivo de ações que contribuíssem para minimizar o problema, representada pelo político.

Partindo daí, fomos então atrás de pessoas que se encaixassem nestes perfis. O primeiro personagem encontrado foi o ativista Eduardo Bernhardt, da ONG Recicloteca. Conhecemos o Eduardo em uma visita à instituição. Ele nos apresentou todo o trabalho da Ong e nos contou sobre seu engajamento pessoal para contribuir para uma melhor gestão do lixo e do meio ambiente como um todo: ele separa na fonte e doa para os catadores, realiza a compostagem com os restos de alimentos que gera em casa e prioriza o transporte de bicicleta para distâncias curtas e médias.

Além de um ativista engajado com a causa ambiental, Eduardo demonstrou ser um ótimo entrevistado, pois é didático e muito bem articulado. Por isso, escolhemos ele para representar o ativista.

A Recicloteca também conta com um acervo de referências sobre o tema que escolhemos. Por fazer parte da ONG, Eduardo acumulou um grande conhecimento sobre

assunto. Foi sabendo disso que resolvemos pedir dicas para ele sobre possíveis personagens que se enquadrassem nos outros perfis.

Muito solícito, o Eduardo nos passou uma lista com nomes e telefones de pessoas que poderiam nos ajudar. Foi assim que conhecemos o jornalista André Trigueiro e a pesquisadora Pólita Gonçalves, que também nos foram indicados pela estudante Thaísa.

Com uma boa experiência na área do jornalismo ambiental, André Trigueiro, que atualmente é editor-chefe do Jornal das Dez, na GloboNews, foi muito atencioso conosco. Entramos em contato com ele diversas vezes pelo celular e até mesmo pelo telefone residencial. Conversamos muito e ele aceitou com a maior tranquilidade participar do nosso documentário. O escolhemos para representar o jornalista, devido sua pela longa experiência na área e, pelo fato de ser um profissional de Tv, já tem uma intimidade com as câmeras.

Outra personagem escolhida foi a Pólita Gonçalves, uma grande pesquisadora na área de resíduos sólidos. Acostumada a falar para grandes públicos e até a dar entrevistas para a Tv, Pólita é consultora ambiental e já escreveu livros e artigos sobre o tema. Por isso, a convidamos para participar do “Vida Útil”. Pólita foi muito receptiva, a ponto de chegou até mesmo a abrir as portas da sua casa. Após inúmeras conversas, ela aceitou nosso convite para representar a pesquisadora.

Além disso, Pólita contribuiu muito para a parte escrita deste trabalho indicando livros, *sites*, exposições (como no caso da Reciclusa que aconteceu no Flamengo, no início de 2007 e reuniu diversas peças produzidas por meio da reciclagem por inúmeros artistas) e palestra, dentre elas o “Fórum Lixo e Cidadania”, do qual participamos algumas vezes e inclusive aproveitamos para fazer algumas imagens de apoio que posteriormente nem foram utilizadas devido à mudança de foco no tema do filme, comentada anteriormente na introdução deste capítulo.

Foi a Pólita também que nos indicou mais dois personagens: os catadores de recicláveis do Pólo de Reciclagem de Gramacho e a vereadora Aspásia Camargo.

O contato com a vereadora Aspásia não foi muito difícil. Um dos integrantes deste projeto conseguiu o telefone da chefe de gabinete da vereadora e contactou ela. A equipe da Aspásia foi bastante receptiva com a idéia do projeto e tratou logo de agendar uma gravação na agenda apertadíssima da vereadora. Entre encontros e desencontros de datas e horários, conseguimos realizar a filmagem. Explicarei melhor isto no capítulo que trata da produção.

Escolhemos a vereadora por dois motivos. Em primeiro lugar, pela sua intimidade com o tema. Por ser uma representante do Partido Verde (PV), ela tem projetos de lei nesta área, como o projeto “Lei do Lixo” que está escrevendo, e já participou de diversos eventos

ligados à questões ambientais. Em segundo lugar, pela dificuldade de agenda de outros políticos que contatamos antes como o André do PV e o Carlos Minc, aos quais damos preferência, num primeiro momento, por se tratarem de políticos mais influentes na questão dos resíduos sólidos urbanos.

Tendo estes personagens definidos, faltavam agora os catadores e os consumidores. Como disse antes, a Pólita nos indicou o Alexandre, um catador que trabalho no aterro sanitário de Gramacho. Contatamos ele por celular e conversamos sobre o projeto. Ele foi muito receptivo e nos contou sobre o Pólo de Reciclagem que conquistaram junto à prefeitura. Ficamos muito interessados quando ele nos disse isto e marcamos uma visita ao Pólo para realizarmos pré-entrevistas com os catadores de lá e conhecermos o local.

A viagem até o local não levou muito tempo. A viagem da Escola de Comunicação (ECO) até o município de Duque de Caxias durou cerca de uma hora. Chegando lá conversamos com o Alexandre que nos apresentou os outros catadores e nos contou sobre a história do Pólo, conquistado há menos de 2 meses por eles.

Os pré-entrevistados eram interessantíssimos, exóticos e politizados como mencionamos antes. Além disso, contavam com uma boa fluência verbal e amplo conhecimento sobre o assunto, representando um novo tipo de catador: aquele que pertence ao ciclo virtuoso da reciclagem, como explicamos no capítulo 2; e desconstruindo a imagem do senso comum sobre os catadores de lixo. Eles ficaram muito empolgados com a idéia do “Vida Útil”.

Entre os catadores, vale destacar a Dona Gerusa. Como membro fundador do Pólo, ela é a expressão do anti-herói. Pobre, negra e mulher, ela criou a família com o dinheiro que recebe pelos resíduos que cata e foi dela a idéia primeira de construir o Pólo de Reciclagem, em Gramacho. No documentário, vemos com clareza o quanto ela é respeitada pelos colegas que confessaram, em *off* para os participantes deste projeto, que a vêem com muito orgulho, carinho e respeito e a consideram a matriarca do grupo.

Encontrar pessoas para fazerem o papel de consumidores até que não foi difícil. Contatamos a assessoria de imprensa do Norte Shopping que apenas nos pediu uma declaração da UFRJ para comprovar que a filmagem era para um projeto universitário.

Escolhemos um shopping por ser o símbolo do consumismo e o local aonde as pessoas vão com a intenção de exercer o papel de consumidor. Como o Norte Shopping é um dos maiores templos do consumo da América Latina e um dos campeões de vendas do Rio de Janeiro, pensamos que este seria o local ideal.

Com a autorização da assessoria, gravamos durante uma tarde de sábado entrevistando diversos passantes, como um “povo fala”, que não utilizamos devido à mudança de foco no tema do documentário, explicada anteriormente.

4.1.4 Definição da equipe e dos equipamentos

A equipe foi formada por dois alunos de comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sâmea Santos de Sá é aspirante à jornalista e Frederico Reichert Machado Neto é aspirante à radialista. A junção de estudantes destas duas modalidades foi interessante para a formação deste projeto. Frederico já tinha um pouco de experiência com produções audiovisuais na própria faculdade e em alguns estágios que fez. Sâmea já tinha mais simpatia com a parte de pesquisa e pré-produção devido à faculdade e a estágios que fez. Porém, os dois eram marinheiros de primeira viagem.

Por isso e por se tratar de um assunto muito técnico, do qual não tínhamos muitas informações, foi muito importante a boa vontade e ajuda de amigos e até mesmo pessoas que não nos conheciam, como a Pólita, o André Trigueiro, o Eduardo, os catadores, a Aspásia, que nos ajudaram na fase de pesquisa e com sugestões de entrevistados.

Por serem inexperientes nesta área, o apoio e conselhos do professor Fernando Salis foi fundamental. Outro apoio importantíssimo foi o da querida Consuelo Lage que esteve sempre à disposição, nos emprestando os equipamentos e o laboratório de edição.

José Esteves foi o nosso motorista de todas as horas e não cobrou nem o combustível e Thaísa nos apoiou muito na pesquisa, como explicamos antes. Entre os amigos, contamos muito com a ajuda do Gabriel Gil Carregal, que confeccionou a capa do DVD e do Guilherme Henriques, da Globosat, que nos emprestou sua voz para a locução do poema que encerra o documentário.

Os equipamentos utilizados na produção do “Vida Útil” foram emprestados pela Central de Produção Multimídia, da ECO-UFRJ, mediante autorizações por escrito. A coordenadora de produção da CPM, Consuelo Lage, foi muito gentil, solícita e atenciosa conosco nos autorizando para realizar saídas para gravações externas.

Para a filmagem usamos uma câmera mini-dv Sony PD-150; um microfone direcional; dez fitas sony mini-dv; um tripé, um rebatedor e um cabo de áudio.

Durante a filmagem, contamos muito com o apoio do Tito, funcionário da ECO, que realizou a maioria das gravações. Em alguns momentos, Fred também deu suas investidas com a câmera.

Para a edição, decupagem e finalização, contamos também com o apoio da Consuelo em nos autorizar o uso do laboratório multimídia, conferindo ao Fred o título de monitor da CPM.

4.1.5 Divisão de tarefas e cronograma

A divisão de tarefas foi estratégica na realização do “Vida Útil”. Desde a formação da dupla, pensamos em dividir as tarefas para conseguirmos mais êxito no trabalho. Não foi difícil realizar esta divisão já que cada participante se identificava mais com uma parte do planejamento deste projeto, sem, é claro, deixar de gostar das outras. Sâmea acabou por ficar responsável pela parte de produção: arrumar os contatos, autorizações, agendar as gravações, porém recebeu o tempo todo apoio e colaboração do Fred, que esteve sempre à frente das filmagens. Nesta etapa e também na pré-produção contamos muito com a ajuda de amigos, parentes e até desconhecidos citados anteriormente.

	Atividades	Data	Hora	Local
PRÉ-PRODUÇÃO	Pesquisa Teórica	Março, Abril, Maio e Junho		
	Pesquisa dos Personagens	Março, Abril, Maio e Junho		
	Pré-Entrevista Pólita/Tomadas de apoio	29/04/2007	11h	Exposição Reciclasa
	Contato com André Trigueiro	06/05/2007	16h	Por telefone
	Contato com a ACAMJG	04/05/2007	11h	Por telefone
	Contato com Aspásia Camargo	30/07/2007	20h	Por telefone
	Pré-Entrevista Eduardo Bernhardt	21/02/2007	13h	Recicloteca
	Retirada de Material	15/05/2007	10h	ECO
	Gravação com André Trigueiro	15/05/2007	12h	PUC

GRAVAÇÃO	Devolução de Material	15/05/2007	14h	ECO
	Retirada de Material	19/05/2007	7h	ECO
	Gravação com os Catadores	19/05/2007	9h	Pólo de Reciclagem de Gramacho – Duque de Caxias
	Devolução de Material	19/05/2007	18h	ECO
	Retirada de Material	22/05/2007	13h	ECO
	Segunda gravação com os Catadores/Tomadas de apoio	22/05/2007	15h	Pólo de Reciclagem de Gramacho – Duque de Caxias
	Devolução de Material	22/05/2007	19h	ECO
	Retirada de Material	03/07/2007	17h	ECO
	Gravação com Aspásia Camargo	03/07/2007	19h	CEDIM
	Devolução de Material	03/07/2007	21h	ECO
	Retirada de Material	06/08/2007	17h	ECO
	Gravação com Pólita Gonçalves	06/08/2007	18h	Residência da Entrevistada
	Devolução de Material	06/08/2007	22h	ECO
	Retirada de Material	08/08/2007	12h	ECO
	Segunda gravação com Pólita Gonçalves/Tomadas de apoio	08/08/2007	14h	Residência da Entrevistada
	Devolução de Material	08/08/2007	18h	ECO

		Retirada de Material	07/05/2007	10h	ECO
		Gravação com Eduardo Bernhardt	07/05/2007	12h	Recicloteca
		Devolução de Material	07/05/2007	16h	ECO
		Segunda gravação com Eduard Bernhardt	09/05/2007	14h	Recicloteca
		Devolução de Material	09/05/2007	18h	ECO
RELATÓRIO		Começo da parte textual	13/08/2007		
		Revisão e dúvidas com a professora	Agosto e Setembro		ECO
		Apresentação para Orientador	Setembro		ECO
PÓS-PRODUÇÃO		Captura do material	Julho	Tarde/Noite	ECO
		Decupagem	Julho	Tarde/Noite	ECO

	Edição Mixagem Finalização	Agosto Setembro	Tarde/Noite	ECO
	Finalização do Relatório	Setembro	Tarde/Noite	

A pós-produção ficou sob a responsabilidade do Fred, até mesmo pela intimidade que já tinha com os processos de decupagem, edição e finalização. Porém, Sâmea esteve sempre ao lado, acompanhando de perto com sugestões e críticas.

Na pré-produção, a definição da equipe, das locações, dos equipamentos e dos personagens, elaboração de cronogramas, compra de material e pesquisa foram etapas realizadas em conjunto pelos dois integrantes.

Vale destacar aqui que essa divisão teve apenas a função de atribuir responsabilidades às partes deste projeto para promover uma melhor organização, e que os dois integrantes participaram com muito afinco de todas as etapas com sugestões, críticas e contribuições fundamentais para a realização deste documentário.

Para dividir melhor nossas tarefas e definir melhor nossas metas em função do tempo, elaboramos o cronograma de atividades abaixo que foi constantemente atualizado em função de problemas técnicos ou de agendamento das entrevistas.

4.2 PRODUÇÃO

As subdivisões desta parte do capítulo trataram de esmiuçar o processo de produção desse documentário.

4.2.1 Gravação e Locações

Para a gravação usamos uma câmera mini-dv Sony PD-150; um microfone direcional; dez fitas sony mini-dv; um tripé, um rebatedor e um cabo de áudio. Durante a filmagem, contamos com o apoio do Tito, câmera funcionário da ECO, que realizou a maioria das gravações. Em alguns momentos, Fred também deu suas investidas com a câmera.

O “Vida Útil” foi gravado em diversos locais de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e da equipe. Procuramos priorizar os locais em que melhor ambientassem o entrevistado no exercício de sua atividade ou função para que os elementos destes ambientes reforçassem os traços do personagem existente em cada entrevistado.

A primeira gravação ocorreu na exposição Reciclasa, com a entrevistada Pólita Gonçalves, que foi uma de suas curadoras. Essa exposição tinha como objetivo reproduzir todos os ambientes de uma casa utilizando-se apenas de materiais reciclados. Porém, este material não pode ser utilizado, pois a captação do áudio e do vídeo foi realizada de maneira precária com equipamentos que nos foram emprestados por amigos. Tivemos, então de remarcar a entrevista.

Na segunda saída, já com os equipamentos cedidos pela faculdade, fomos para a Recicloteca. Foram duas diárias nessa locação: a primeira para gravar imagens de apoio das exposições permanentes que se localizam na casa e a segunda foi para entrevistar um de nossos personagens: o ambientalista Eduardo.

Por se localizar em uma casa antiga com muitos janelões e também pelo fato de termos marcado à tarde, a luz estava adequada e não necessitamos de uma iluminação artificial. Já o som ambiente não nos era favorável, pois na casa vizinha funciona uma escola primária.

A entrevista com os catadores da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho, também custou duas diárias. Foram dois deslocamentos para Duque de Caxias, município do Rio de Janeiro. Gravamos sempre na parte da tarde, na tentativa de aproveitar ao máximo a luz natural, ainda que em ambos os dias o tempo estivesse nublado.

A primeira diária ocorreu num sábado. Gravamos toda a entrevista com eles durante umas 4 horas. Sendo que na primeira hora de gravação, tivemos um problema com a câmera e tivemos de voltar para ECO, com a ajuda de José Esteves de Sá (pai de um dos integrantes do projeto, nosso motorista de todas as horas) para trocá-la. De volta a Caxias, prosseguimos com as indagações.

A outra gravação se deu num dia de semana, à tarde, com a finalidade de gravar imagens dos catadores em ação, pudemos vivenciar um pouco do dia-a-dia da associação. Apesar de termos conseguido a autorização para filmar dentro do aterro de Gramacho, repensamos esta atitude por considerá-la um tanto repetitiva, já que diversos filmes já foram gravados lá dentro. Além de não querer reafirmar toda aquela imagem negativa do aterro, o nosso foco principal era de fato na Associação de Catadores do Aterro Metropolitano Jardim Gramacho (ACAMJG).

Gravar com os catadores foi muito prazeroso e tranqüilo, pois, além de ótimos personagens, tinham fluência verbal e não se sentiam intimidados diante da câmera.

Para gravar a entrevista com o André Trigueiro tivemos de ir até o campus da Pontifícia Universidade Católica - PUC, na Gávea, pois ele é professor de jornalismo ambiental de lá e, como todo jornalista comprometido com o trabalho, não tinha muito tempo disponível, por isso o final de sua aula era a nossa chance. Gravamos ao ar livre num dos jardins da universidade, no final de uma manhã ensolarada, por isso, levamos um rebatedor. A filmagem ocorreu sem problemas. Os ruídos não atrapalharam, pois a voz do entrevistado era bem projetada em um ótimo tom.

Em seguida, conseguimos remarcar a entrevista com a Pólita. Desta vez, foi na casa dela, no bairro carioca da Urca, por uma questão de comodidade. Tivemos problemas na captação do áudio que ficou muito ruidoso, e a voz serena e com baixa potência da entrevistada acabou não ajudando. A gravação se deu na parte da noite, por isso, a iluminação não era ideal. Mas, conseguimos contornar parte deste problema com algumas luminárias da casa da entrevistada.

Dias depois, finalmente conseguimos marcar para gravar a entrevista com a Aspásia Camargo. Também foi à noite, durante o intervalo de um evento que a vereadora participou na sede do Conselho Estadual do Direito da Mulher - CEDIM, no Centro do Rio de Janeiro. A iluminação do ambiente era satisfatória, mas o áudio mais uma vez ficou comprometido, pois havia muito eco no local e por algumas vezes podia-se ouvir o som de palmas ao fundo da entrevistada.

Outras duas gravações ocorreram no Norte Shopping, onde realizamos um “povo fala” com os consumidores, durante uma tarde de sábado; e a última foi na praia de Ipanema, dentro do evento “Cinema na Praia” realizado pela Vivo (empresa de telecomunicações), onde gravamos uma entrevista com o Gerente de Meio Ambiente da operadora e aproveitamos para fazer algumas imagens de apoio. Porém, nenhuma das duas gravações foi utilizada neste documentário por não representarem o novo foco que foi dado ao mesmo.

4.2.2 Transporte, acomodação e alimentação

O transporte para os locais de gravação foi realizado sempre de carro, ora no do Fred, ora no da Sâmea. É imprescindível ressaltar aqui a importância que o Esteves, pai da Sâmea, teve nestes momentos. Foi ele quem nos conduziu para a maioria das entrevistas na maior boa vontade.

É claro que ocorreram alguns imprevistos como no primeiro dia em que fomos gravar em Caxias e a câmera deu problema e tivemos de voltar à ECO para pegar outra e no dia em que o Fred foi a Caxias para gravar pela segunda vez e se perdeu na cidade. Outra dificuldade foi a de chegar na PUC. Como foi a Sâmea quem foi dirigindo e ela não conhecia bem o caminho, se perdeu algumas vezes, mas conseguiu cumprir o horário marcado com o entrevistado.

Fora isso, não tivemos muitos problemas neste quesito, até porque as locações foram todas realizadas no Rio de Janeiro, cidade em que os integrantes moram.

Os gastos com transporte não foram divididos entre os alunos, já que em cada momento cada um usou o seu carro.

Como a maioria das gravações ocorreu em dias separados e em horários de intervalos entre as refeições, com exceção da primeira gravação em Caxias quando todos os participantes almoçaram na casa da Sâmea, não houve despesas relevantes com alimentação. Compramos só água e biscoitos até mesmo por causa do calor.

Também não houve necessidade de acomodações para pernoite, já que a maioria das gravações ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, como dito anteriormente.

4.2.3 Autorizações de imagem e de uso de equipamentos

Como todos os equipamentos usados no “Vida Útil” foram emprestados pela Central de Produção Multimídia-CPM da UFRJ, precisamos de inúmeras autorizações para realizar as saídas. Foi aí que contamos com a generosidade, gentileza e paciência da querida

Consuelo Lage, que nos apoiou muito e nos concedeu as autorizações necessárias para as gravações, de acordo com a disponibilidade de agenda dos equipamentos.

Tudo era controlado por e-mail. Para obtermos as autorizações, enviávamos um e-mail para a Consuelo informando a locação, data, hora de retirada e a descrição dos equipamentos que precisaríamos. Ele verificava a disponibilidade da data, retornava o e-mail e deixava uma autorização por escrito na portaria da CPM. Quando precisamos gravar no final de semana a burocracia era maior: tinham de ser três autorizações: uma para a portaria da CPM, outra para a entrada do Campus e outra para a segurança do Campus.

No dia da gravação, chegávamos a CPM com antecedência para retirar o material. Não tivemos nenhum problema quanto a isso. Muito pelo contrário: sem a boa vontade e amizade dos funcionários da CPM, precisaríamos nos virar para achar um lugar e pagar caro para alugar equipamentos.

Para editar e finalizar o documentário, também usamos os laboratórios da CPM. Para isso precisamos de autorizações que foram facilmente conseguidas junto a Consuelo Lage.

O modelo de autorização de uso de imagem foi conseguido junto à Geórgia, amiga de um dos participantes deste projeto. Este modelo foi alterado de forma a estabelecer os propósitos de um curta-metragem para ser apresentado como projeto final na graduação de Comunicação Social com habilitação em Rádio/TV e Jornalismo.

Não tivemos nenhum problema com relação à concessão das autorizações. Todos foram muito solícitos em nos atender e concordaram em assinar a autorização. Os catadores do Pólo de Reciclagem de Gramacho assinaram uma única autorização em nome da Associação de Catadores da Região Metropolitana de Jardim Gramacho - ACAMJG.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

As questões relativas a pós-produção do documentário “Vida Útil” serão tratadas nesse capítulo.

4.3.1 Decupagem

Esse é o processo mais importante da fase de pós-produção, pois é quando tomamos consciência de todo o material que foi gravado e acaba funcionando como um facilitador na hora de editar. No caso do documentário “Vida Útil”, foram 7 horas e meia de gravação. A decupagem desse material aconteceu nas ilhas de edição da CPM e levou alguns dias.

Enquanto assistíamos atenciosamente a todo esse material, percebemos que os catadores eram personagens que se destacavam dos demais, e que serviam tanto para discutir a questão social do lixo quanto para sensibilizar os espectadores sobre a importância da reciclagem.

4.3.2 Edição

Apoiados nas observações retiradas do processo de decupagem, começamos a editar o filme no laboratório de multimídia da CPM. A montagem foi facilitada por dois motivos: as perguntas que fizemos promoveram um bom encadeamento de respostas articuladas de modo que os entrevistados emitissem suas opiniões sobre os mesmos itens dentro da temática. A outra razão foi a boa fluência verbal, coesão e coerência na fala e na exposição de suas idéias por parte dos entrevistados.

Fizemos um primeiro corte de 45 minutos onde o aspecto mais didático ainda era muito presente. Quando mostramos esse primeiro corte para nosso orientador, Fernando Salis, discutimos sobre o que era de mais valioso para o documentário. E a sensação de que os catadores eram personagens especiais, novamente ficou evidente.

Decidimos então dar mais espaço para eles durante o filme, procuramos por cenas interessantes que não haviam entrado nesse primeiro corte e em seguida enxugamos o filme até chegar em 30 minutos.

Foi um processo muito difícil, pois quando resolvemos mudar de foco, tivemos que desprezar muito do material que foi gravado. Em virtude disto, pensamos em propor para o futuro mais dois outros filmes utilizando parte desse material. A idéia é organizar um projeto sobre a temática dos resíduos sólidos urbanos com três focos diferentes: o primeiro é o “Vida Útil”, que tem um foco um pouco mais antropológico e um pouco didático; o

segundo se basearia no desenvolvimento da arte, design e artesanato a partir do lixo e o terceiro, na implementação de políticas públicas e empresariais de responsabilidade social e cidadã com o lixo.

Para a abertura do documentário resolvemos usar imagens captadas na entrada do Aterro de Jardim Gramacho, com uma narração em off, retirada das entrevistas e que dizia o que era o significado de lixo para nossos entrevistados. Para o encerramento do documentário, usamos a narração em off de uma poesia que foi escrita por um catador anônimo e que foi publicada no extinto jornal da comunidade “O mensageiro da Verdade”.

4.3.3 Finalização

Depois disso, entramos no processo de finalização do filme, que não levou muitos dias. Queríamos dar uma identidade visual ao “Vida Útil” e resolvemos criar um logo. O processo de criação foi bem simples. Utilizamos o programa Photoshop e buscamos uma fonte na Internet que identificasse melhor o filme. Com isso, conseguimos o efeito simples que queríamos.

Outro artifício usado para criar uma identidade visual do documentário, foram as tarjas dos créditos. Também queríamos um efeito simples. Por isso, escolhemos um fundo cinza e deixamos a marca d’água do logo do filme em branco. Outro efeito que usamos está relacionado ao nome dos personagens descrito nas tarjas. Naquelas que identificaram os catadores, usamos só o primeiro nome de cada entrevistado com o objetivo de criar uma maior aproximação dele com o espectador. Já para a identificação dos especialistas, optamos por colocar o nome todo para induzir uma maior credibilidade nas suas falas. As tarjas também foram feitas no programa Photoshop, com o uso de fontes da Internet.

4.3.4 Sonorização e mixagem

A sonorização e a mixagem do filme foi feita na própria ilha de edição da CPM. Como não tínhamos muito conhecimento de sonorização e equalização, recorremos à ajuda do Professor Alexandre Fifo para resolver o problema. Não utilizamos nenhum programa especial de tratamento de áudio que foi realizado no Final Cut mesmo. Como tivemos muitos problemas de captação de áudio durante as gravações, o áudio final do filme ficou aquém das nossas expectativas.

Um objetivo futuro é melhorar a qualidade do áudio final com o uso de artifícios que diminuam os ruídos do som ambiente para obtermos uma melhor equalização do áudio o que garantirá uma maior harmonia sonora ao filme.

4.3.5 Orçamento real

Neste item é importante destacar o fato de que as despesas foram divididas entre os dois integrantes deste projeto que obtiveram a ajuda financeira dos seus pais devido ao fato de ainda não possuírem renda própria para arcar com todos os custos de uma vida independente.

Fase do Projeto		GASTOS		
Pré-produção		Transporte (pré-entrevistas)		R\$ 56,00
		Livros		R\$ 85,00
		Fitas Mini DVs		R\$ 100,00
Produção	Gravação	Transporte	Combustível	R\$ 215,00
		Telefone		R\$ 400,00
		Alimentação da equipe		R\$ 10,00
		Estacionamento		R\$ 50,00
	Relatório	Tinta para impressões (cartucho preto e colorido)		R\$ 180,00
		Papel Reciclado (1000 folhas)		R\$ 30,80
		DVDs e capas		R\$ 70,00
Pós-produção				
Total		R\$ 1.196,80		

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um documentário do início ao fim como trabalho de conclusão de curso foi, sem dúvidas, uma grande oportunidade de aprendizado e, ao mesmo tempo, um desafio.

Houve a oportunidade de colocar em prática muito do que se aprendeu na faculdade. A formação da dupla contribuiu muito para o andamento do trabalho já que um tinha mais noções técnicas de operações, filmagem, edição e finalização e o outro de produção, contatos e entrevistas. Por isso, um complementou o outro em diversos momentos. Porém, houve muitas dificuldades que foram superadas com a ajuda de amigos e de professores da ECO.

Um dos maiores desafios foi a equalização do áudio e a gravação em DVD. No áudio, contou-se com a ajuda do funcionário da CPM Alexandre, o Fifo. Já na hora de gravar em DVD, foram queimadas umas três mídias até se acertar o jeito de fazer a coisa.

Além disso, produzir o “Vida Útil” foi uma experiência única em nossas vidas, não só por serem dois “marinheiros de primeira viagem” tentando realizar um projeto audiovisual do começo ao fim, mas também porque foi uma oportunidade de conhecer pessoas diferentes que vivem em realidades muito distintas: o catador, o jornalista, o pesquisador, a política, o ativista, enfim, pessoas que apresentaram suas visões de mundo sobre a problemática que abordada neste projeto: a gestão de resíduos sólidos urbanos.

Outra preocupação foi a de apresentar um documentário que tivesse uma função social. Por isso, o “Vida Útil” tem dois objetivos principais: lançar um novo olhar sobre os catadores de lixo trazendo eles para uma aproximação com o espectador e contribuindo assim para a desmistificação da imagem do catador como uma pessoa suja, ignorante e que vive dos “restos” que a sociedade produz e mostrá-lo como um exemplo de ator do novo paradigma de sustentabilidade, dessa tomada de consciência em prol do meio ambiente.

O segundo objetivo aparece de modo mais tímido no filme, mas não menos marcante. Nesse momento a intenção foi integrar uma abordagem didática usando o modo expositivo do documentário por meio de entrevistas com especialistas que dão dicas para o espectador que deseja começar a praticar agora uma melhor gestão do lixo que produz.

Para realizar o documentário, foram gravadas cerca de sete horas de material bruto. Durante a edição deixou-se muitos *takes* legais de fora. Foi aí que pensou-se em realizar um projeto futuro que será constituído por três documentários com a temática lixo urbano: o “Vida Útil” e mais outros dois. O primeiro focará na questão dos resíduos sólidos urbanos e políticas públicas e empresariais de responsabilidade social e cidadã. Já o segundo terá como tema os materiais recicláveis e sua relação com o *ecodesign* e o trabalho artístico dos artesãos.

Com isso, pretende-se em um futuro breve, aplicar o aprendizado adquirido ao produzir o documentário “Vida Útil” nesse projeto maior que contará com esses três curtas sobre a questão do lixo. A intenção será a reforçar a necessidade de mudança nos modos de pensar e agir em prol do desenvolvimento de uma sociedade mais sustentável tanto no âmbito ambiental, como no econômico e no social.

A idéia central ao realizar o “Vida Útil” foi contribuir, por meio da produção de um audiovisual, para estimular o dever do cidadão com o meio ambiente do qual ele é parte integrante. Porém, sabe-se que esta mudança de atitude não deve se restringir a apenas um modismo efêmero. Deve ser mais profunda do que isto: precisa revolucionar os modos de pensar, sentir e agir de nossa sociedade, que transforma cada vez mais o consumo do inútil, no consumo do necessário, por uma mera questão de status social; que explora, num ritmo desenfreado, cada vez mais os recursos naturais acreditando no mito da sua infinitude e produzindo embalagens sem função alguma a não ser a do puro marketing; que aumenta cada vez mais o abismo entre o pobre e o rico, numa fissura alucinante pelo consumo do mais moderno, inovador, convergente e desnecessário.

REFERÊNCIAS

ARTE DE Reciclar. Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br/Default.asp>>. Acesso em 03/2007.

BABILÔNIA 2000. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: VideoFilmes, CECIP, Donald K. Ranvaud e Eduardo Coutinho. Brasil: Riofilme, c2000. DVD (80 min).

BOCA de Lixo. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, c1992. DVD (50 min).

BRAGAGLIA, Ana Paula. *A Sociedade das Imagens e seus modelos de Subjetividade*.

Disponível em:

<http://64.233.169.104/search?q=cache:C4PtUDNN6gkJ:www.eco.ufrj.br/semiosfera/conteudo_org_03Bragaglia.htm+sociedade+da+imagem&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=5&gl=br>. Acesso em 08/2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CRESCIMENTO do Lixo preocupa André do PV. Disponível em: <<http://www.andredopv.com.br/detalheNoticia.php?id=65>>. Acesso em 04/2007.

COLETA Seletiva. Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br/Default.asp>>. Acesso em 03/2007.

COLETA Seletiva. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/comlurb>>. Acesso em 05/2007.

COUTINHO, Eduardo; XAVIER, Ismail; FURTADO, Jorge. O Sujeito (extra)ordinário. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Almir (org.). *O cinema do real*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2005.

CULTIVANDO Idéias. Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br/Default.asp>>. Acesso em 03/2007.

DA-RIN, Silvio. *Espelho partido – tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

DEMOGRAFIA. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_\(cidade\)#Demografia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_(cidade)#Demografia)>. Acesso em 08/2007.

Disponível em: <<http://www.aspasiacamargo.com.br/>>. Acesso em 06/2007.

Disponível em: <<http://www.rebea.com.br>>. Acesso em 04/2007.

DOCUMENTÁRIO Estamira é exibido no Rio de Janeiro. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 ago. 2005. Disponível em: <<http://cinema.terra.com.br/interna/0,,OI646134-EI1176,00.html>>. Acesso em 08/2007.

EDIFÍCIO Máster. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Brasil: Riofilme, c2002. DVD (110 min).

EDUARDO, Cléber. *Estamira, de Marcos Prado*. Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/estamira.htm>>. Acesso em 09/2007.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Produção: Marcos Prado e José Padilha. Brasil: Riofilme, c2005. DVD (115 min).

GONÇALVES, Pólita. *A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos*. Série economia solidária. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.

GONÇALVES, Pólita. *Classificação*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Coleta Seletiva*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Consciência*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Destinação*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Lâmpadas Fluorescentes*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Precicle*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Rotulagem*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Seria Possível nos relacionarmos de forma mais Civilizada com os nossos Restos Mortais?* Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GONÇALVES, Pólita. *Tempo de Decomposição*. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

GUIA de Reciclagem. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/comlurb>>. Acesso em 05/2007.

HAMBURGUER, Esther. Políticas da representação: ficção e documentário em ônibus 174. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Almir (org.). *O cinema do real*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2005.

ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado. Produção: Mônica Schmiedt, Giba Assis Brasil e Nôra Gulart. Brasil, c1989. 1 DVD (13 min).

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LIVROS. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br/>>. Acesso em 05/2007.

LIXO. Disponível em: <<http://www.compam.com.br/contato.htm>>. Acesso em 04/2007.

MATERIAIS Recicláveis. Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br/Default.asp>>. Acesso em 03/2007.

MEIO Ambiente. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/comlurb>>. Acesso em 09/2007.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ONGS, Entidades e Associações. Disponível em: <<http://www.reciclaveis.com.br/ongs/ongs&entidades.htm>>. Acesso em 03/2007.

ÔNIBUS 174. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Brasil: Riofilme, c2002. DVD (133 min).

O QUE é Lixo? Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/interligado/lixo.html>>. Acesso em 03/2007.

QUEM recebe Recicláveis. Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br/Default.asp>>. Acesso em 03/2007.

RECICLAGEM. Disponível em: <<http://www.compam.com.br/contato.htm>>. Acesso em 04/2007.

RECICLAGEM. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reciclagem>>. Acesso em 05/2007.

RECICLAGEM. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=residuos/index.php3&conteudo=./residuos/reciclar.html>>. Acesso em 04/2007.

RIO de Janeiro. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_\(cidade\)#Demografia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_(cidade)#Demografia)>. Acesso em 08/2007.

TRIGUEIRO, André (org.) *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

TRIGUEIRO, André. *Refazendo as Contas*. Disponível em: <<http://www.ecopop.com.br>>. Acesso em 04/2007.

UMA VERDADE Inconveniente. Direção: Davis Guggenheim. Produção: Lawrence Bender, Scott Burns, Laurie Lennard e Scott Z. Burns. Estados Unidos: Paramount Classics / UIP, c2006. DVD (90 min).

VAZ, Ana Flávia; MOTA, Fernanda. *Reciclando o Pensamento*. Dissertação (Graduação) – Escola de Comunicação, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

VÍDEOS de Reciclagem. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/>>. Acesso em 06/2007.

VILHAÇA, Pablo. *Estamira*. Disponível em: <http://www.cinemaemcena.com.br/cinemacena/crit_editor_filme.asp?cod=4687>. Acesso em 05/2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Perguntas das entrevistas

PESQUISADORA**Nome:** Pólita Gonçalves**Profissão/cargo:** Consultora Sócio-ambiental.

- Você acha que a consciência ambiental das pessoas aumentou após os episódios das catástrofes ambientais que tem acontecido nestes últimos anos? Por que?
- Historicamente a questão ambiental sempre foi pensada pelo brasileiro que não foi influenciado pelo modismo do exterior. Apesar disto, verifica-se que ainda há um impasse entre o capitalismo e o meio ambiente. Como você vê a questão do desenvolvimento da economia e das atitudes em relação a preservação do Meio Ambiente? É possível preservar e evitar as catástrofes (previstas no documentário do Al Gore) sem afetar o desenvolvimento econômico?
- A produção de resíduos em grande quantidade é uma consequência direta do crescimento das cidades e da Revolução Industrial?
- O que é lixo para você?
- Qual o atual panorama da questão dos resíduos sólidos no Rio?
- A geração de resíduos está intimamente ligada ao consumo. Como você vê a relação entre o consumo e a geração crescente de resíduos?
- A questão de destinação de resíduos ainda é um grande desafio para o carioca?
- Quais os impactos que o crescente acúmulo de lixo pode gerar?
- Quais seriam as melhores soluções para este problema?
- O que é reciclar?
- O que é preciclar?
- O que são os três R's?
- Que atitudes as pessoas podem começar a tomar agora para tornarem-se cidadãos ambientais ou como podemos transformar o Ciclo Perverso no Ciclo Virtuoso (preciclar, segregação na fonte, Reduzir, Reciclar, Reutilizar, etc.)?
- Que exemplos de outros Estados ou países podemos tomar como base na criação de projetos que incentivem a destinação correta dos resíduos urbanos?
- Hoje o que é feito no Rio de Janeiro em termos de reciclagem?
- Você faz coleta seletiva na sua casa?
- As pessoas que separam os materiais para a reciclagem atualmente o fazem por interesse econômico ou por interesse ambiental?
- A maioria das pessoas não pratica a reciclagem. Por que? Que atitudes/projetos/campanhas poderiam ser implantadas para formar um cidadão ambientalmente responsável?
- Como funciona o sistema de cooperativas (desde a coleta até o destino)?
- Qual o destino do lixo coletado?
- Qual a importância da reciclagem para a sociedade, cultura e meio ambiente?
- Cuidar do meio ambiente é uma atitude de cidadania?
- Como a comunicação pode contribuir para a formação de um cidadão com responsabilidade ambiental?

ATIVISTA**Nome:** Eduardo Bernhardt**Profissão/cargo:** Ativista

- Historicamente a questão ambiental sempre foi pensada pelo brasileiro que não foi influenciado pelo modismo do exterior. Apesar disto, verifica-se que ainda há um impasse entre o capitalismo e o meio ambiente. Pode existir progresso econômico com impactos mínimos ao meio ambiente?
- A produção de resíduos em grande quantidade é uma consequência direta do crescimento das cidades e da Revolução Industrial?
- O que é lixo para você?
- Como você avalia a gestão dos resíduos sólidos no Rio? Como deveria ser?
- A geração de resíduos está intimamente ligada ao consumo. Como você vê a relação entre o consumo e a geração crescente de resíduos?
- Quais os impactos que o crescente acúmulo de lixo pode gerar?
- Quais seriam as melhores soluções para este problema?
- Vocês realizam trabalhos com crianças aqui na Recicloteca. Qual a importância desta conscientização começar na infância? E como elas podem influenciar os familiares a mudarem seus hábitos em casa?
- Como a comunicação pode contribuir para a formação de um cidadão com responsabilidade ambiental?
- Há muitas teorias sobre possíveis soluções para a questão do lixo. Muitos estudiosos dizem que o fundamental é conscientizar os cidadãos. Qual seria a melhor forma de fazer isto na sua opinião?
- Não basta só conscientizar, temos de transformar idéias em ações. O que falta para que isto aconteça? Por que a maioria das pessoas não recicla?
- Que atitudes as pessoas podem começar a tomar agora para tornarem-se cidadãos ambientais ou como podemos transformar o Ciclo Perverso no Ciclo Virtuoso (preciclar, segregação na fonte, Reduzir, Reciclar, Reutilizar, etc.)?
- Que exemplos de outros Estados ou países podemos tomar como base na criação de projetos que incentivem a destinação correta dos resíduos urbanos?
- Hoje o que é feito no Rio de Janeiro em termos de reciclagem?
- Você faz coleta seletiva na sua casa?
- As pessoas que separam os materiais para a reciclagem atualmente o fazem por interesse econômico ou por interesse ambiental?
- Como funciona o sistema de cooperativas (desde a coleta até o destino)?
- Por que, no Brasil, a reciclagem do alumínio é tão bem-sucedida em relação aos demais resíduos?
- Qual o destino do lixo coletado?
- Qual a importância da reciclagem para a sociedade, cultura e meio ambiente?
- Cuidar do meio ambiente é uma atitude de cidadania?

POLÍTICO**Nome:** Aspásia Camargo**Profissão/cargo:** Vereadora

- O que é lixo para você?

- Fale um pouco sobre o atual estado dos lixões e aterros sanitários no Rio de Janeiro abordando o número de aterros e o número de lixões que existem.
- Gramacho vai fechar. Quais são as conseqüências disto? Existem inúmeros catadores que dependem daquele lixo para sobreviver e que contribuíram para a extensão da vida útil do aterro. O que está sendo feito para garantir que essas pessoas não fiquem sem trabalho? Existem 8 prefeituras que encaminham o lixo para lá. Para onde será enviado este lixo? O que se pretende fazer em Gramacho para revitalizar aquela região depois que o aterro for fechado?
- Fale um pouco sobre a questão da proliferação de aterros clandestinos – “rampinhas” (como é a fiscalização nesse sentido?).
- Fale um pouco sobre o primeiro Código Ambiental do Estado do Rio de Janeiro?
- Como está sendo aplicada a resolução do decreto 5940 instituído pelo Presidente Lula em outubro de 2006, que trata sobre a obrigatoriedade dos órgãos e instituições públicas doarem os seus resíduos recicláveis para cooperativas de catadores ?
- Quais são e como estão sendo aplicadas as leis que beneficiam o trabalho dos catadores, a exemplo da Lei do Pet 3369/00, criada por Carlos Minc, que obriga as empresas fabricantes apoiar financeiramente as cooperativas de catadores, instalar máquinas de recompra ou praticar a recompra direta no estabelecimento de venda do produto?
- A coleta seletiva e a separação na fonte, a exemplo de outros estados como Minas, é uma boa opção para resolver o problema do lixo urbano tanto em residências, como o lixo público e o lixo gerado pelas empresas?
- Na sua opinião, o carioca tem a cultura de separar o material que pode ser reciclado e doá-lo para o catador? Por que?
- O que falta para implantarmos a cultura da sustentabilidade em relação ao lixo urbano e uma política pública de coleta seletiva no Rio de Janeiro (como já existe em Mesquita)?
- Como a comunicação pode contribuir para a formação de um cidadão com uma cultura focada na sustentabilidade?
- Existem vários artistas aderindo ao Partido Verde, você vê isto como um ato de mudança de paradigmas em nossa sociedade?
- Com a sociedade do jeito que está pensando hoje, qual é a perspectiva e previsão para o futuro do meio ambiente?
- Cuidar do meio ambiente é uma atitude de cidadania?

JORNALISTA

Nome: André Trigueiro

Profissão/cargo: Jornalista

- O que é lixo para você?
- Como você acha que o cidadão vê o Meio Ambiente?
- Hoje as pessoas tem a idéia de que meio ambiente é só fauna e flora, algo que é distante da sua realidade. Você acha que a comunicação pode contribuir para mudar esta visão? Como?
- A pesquisa feita pelo ISER comprovou que os brasileiros, apesar de terem consciência ambiental, não consideram a questão como prioridade em relação a outros problemas como o desemprego, a violência e a educação. Você vê isto

como uma questão cultural? Como a comunicação pode contribuir para que o meio ambiente seja visto como uma entre as prioridades?

- Fale um pouco sobre a relação entre comunicação, cidadania e meio ambiente.
- Atualmente a questão ambiental tem ganhado muita repercussão na mídia. Por que e como isto aconteceu?
- Existem dezenas de sites sobre meio ambiente, mas todos sabemos que hoje o meio que a massa mais usa para se informar é o audiovisual, por meio da tv. Mas, este veículo ainda dá pouca ênfase as questões ambientais. Como você vê isto?
- Na sua opinião, como a mídia mostra o meio ambiente? Como deveria ser mostrado?
- O que você acha que pode ser feito para incentivar as pessoas a tomarem atitudes em relação a preservação do meio ambiente?
- Como surgiu o jornalismo ambiental?
- Atualmente quais são os maiores desafios do jornalismo ambiental?

CATADOR

Nome: Associação de Catadores do Aterro Metropolitano Jardim Gramacho.

Profissão/cargo: Catadores de recicláveis

- O que é lixo?
- Qual o panorama da reciclagem no Rio de Janeiro?
- Como a comunicação pode contribuir para a formação de um cidadão com responsabilidade ambiental?
- Cuidar do meio ambiente é uma atitude de cidadania?

CONSUMIDOR

Nome: Consumidores do Norte Shopping

Profissão/cargo: diversas

- O que é lixo?
- Qual o panorama da reciclagem no Rio de Janeiro?
- Como a comunicação pode contribuir para a formação de um cidadão com responsabilidade ambiental?
- Cuidar do meio ambiente é uma atitude de cidadania?

APÊNDICE B – Termo de autorização de uso de imagem

Nome: SÂMEA SANTOS DE SÁ

CPF:

R.G:

Telefone:

Nome: FREDERICO REICHERT

CPF:

R.G:

Telefone:

**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOMES E DADOS
BIOGRÁFICOS EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotos, objetos e documentos por mim apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelos alunos da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sâmea de Sá e Frederico Reichert com os CPFs e, respectivamente, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (tais como livros, catálogos, jornal, outdoor, entre outros) como também em mídia eletrônica (tais como vídeo-tapes, filmes para televisão e cinema, programas de rádio, CD ROM, Internet através de site de home page, entre outros) e banco de dados informatizado multimídia e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus para o projeto *Vida Útil* de conclusão do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo e rádio e tv, ou a terceiros por essas expressamente autorizadas (pesquisadores, consultores e/ou clientes), que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada para a preservação da memória histórica, em todo o território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 01 (uma) via.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2007.

Entrevistado

Nome:
Endereço:
RG N°:
Telefone para contato:

FICHA TÉCNICA

Professor Orientador: Fernando Salis.

Direção: Frederico Reichert.

Produção: Sâmea de Sá.

Argumento e Roteiro: Sâmea de Sá e Frederico Reichert.

Arte: Sâmea de Sá e Frederico Reichert.

Edição: Frederico Reichert.

Imagens: Frederico Reichert e Tito.

Documentário - Brasil – 2007 – 32min.